



HC faz seu 300º transplante de rim

A marca foi alcançada em meados de outubro pela equipe encabeçada pelo nefrologista Gentil Alves Filho (esq.) e pelos urologistas Ubirajara Ferreira e Nelson Rodrigues Netto Júnior. **Página 12.**

Unicamp submete-se ao crivo de comissões de avaliadores externos



O reitor Carlos Vogt faz a checagem final da documentação antes de passá-la às comissões de avaliadores externos.

Uma equipe de 20 pesquisadores de instituições de ensino superior de todo o país, distribuídos em quatro comissões, estará na Unicamp ao longo do mês de novembro, para realizar um profundo trabalho de avaliação dos parâmetros qualitativos da Universidade nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão. A primeira comissão chegou no último dia 3. É a primeira vez que uma universidade brasileira submete-se a um processo desse tipo. **Página 4.**

Pesquisa mede teor de colesterol em carne nacional

Os índices de colesterol das carnes brasileiras são inferiores aos teores de gordura apresentados pelas tabelas internacionais. A constatação é da química Neura Bragg-nolo, que defendeu tese a respeito na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp. **Página 8.**

Tese desvenda enigmas da ironia machadiana

O escritor mais estudado da literatura brasileira acaba de render mais uma tese na Unicamp: a da pedagoga Lúcia Granja, que abordou o uso técnico da ironia nas primeiras crônicas de Machado de Assis. **Página 10.**

Leôncio Martins toma o pulso do Brasil após o impeachment



“Daqui por diante a sociedade civil estará mais atenta ao comportamento da classe política e menos tolerante para com a corrupção”. É o que diz o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, do

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Para ele, o movimento que resultou no processo de impeachment partiu da sociedade civil e não da classe política. **Páginas 6 e 7.**



O escritor Machado de Assis.

Novos parâmetros para a avaliação universitária

Carlos Vogt

Chegou recentemente às mãos do sr. governador do Estado, Luiz Antonio Fleury Filho, um primeiro levantamento dos indicadores de desempenho das três universidades públicas de São Paulo — USP, Unicamp e Unesp — para fins de sua composição orçamentária futura.

O estudo em questão, preparado pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), não deixa de constituir uma resposta, ainda que introdutória, aos persistentes e legítimos reclamos da imprensa — e por extensão da sociedade — quanto à necessidade de submeterem-se as universidades públicas a critérios mais refinados de avaliação de desempenho e produtividade.

Não quer isso dizer que as universidades — particularmente as paulistas — não tenham mecanismos de auto-avaliação sistemática e periódica. São regulamentares os relatórios de docentes, de departamento e de unidades de ensino ou administrativas. Muitas delas já praticam a avaliação rigorosa de seus cursos, através de instrumentos específicos, inclusive com a participação de alunos e, no caso da pós-graduação, há formas definidas de avaliação interna e externa, das quais a mais conhecida é a realizada pela Capes.

Três estudos recentes da Unicamp mos-



Carlos Vogt, linguísta, é reitor da Unicamp e presidente do Cruesp.

tram, todavia, que é possível e desejável ir além disso. Sem qualquer sombra de auto-indulgência (o que às vezes pode constituir um vício da auto-avaliação), esta Universidade começou por levantar, num corte em perspectiva, a situação de seus ex-alunos no mercado de trabalho — constatando que 85% deles atuam em sua área de formação; procedeu a um cálculo minucioso do custo médio ponderado de seu aluno de graduação,

chegando a algo próximo de US\$ 3,9 mil anuais — o que não é nenhum exagero mesmo para os padrões latino-americanos; e concluiu, há pouco, uma análise acurada e demonstrativa de seus padrões de evasão de alunos — a taxa média das últimas décadas é de 23% — abrindo, pela primeira vez, com a seriedade que o assunto requer, a possibilidade crítica de se tomar medidas objetivas a respeito. Tais estudos serão dados à luz proximamente, não apenas para efeito de auto-conhecimento e aprimoramento institucional, mas também como uma contribuição metodológica ao sistema universitário como um todo.

Entretanto, entendeu a Unicamp que uma avaliação em profundidade deve abarcar um universo muito mais amplo e totalizante da experiência universitária. É assim que, desde o final do ano passado, está em curso em suas unidades e nos níveis gerenciais de sua administração um vasto processo de mensuração dos padrões de desempenho do ensino, da pesquisa, da qualificação docente, das atividades de extensão, da produção acadêmica e científica e até mesmo — por que não? — da gestão dos recursos públicos. A organização e a coleta desses documentos têm ocupado um grande número de instâncias internas — das unidades de ensino e pesquisa ao Conselho Universitário — e sua avaliação final, de caráter conclusivo, pela primeira vez envolve o concurso de consultores externos à universidade.

Essas comissões de consulta, constituídas e distribuídas por áreas temáticas — exatas, biomédicas, tecnológicas, humanidades e artes —, à parte serem uma novidade auspiciosa em termos de avaliação universitária no Brasil, darão base legítima ao esforço das universidades paulistas no sentido de aprimorarem métodos e parâmetros comuns que permitam uma comparação sadia entre elas, não apenas para efeito de distribuição orçamentária, mas também como uma forma de responder à indagação da sociedade que as mantém com seus impostos e tributos.

A expectativa é que tenhamos, também pela primeira vez, a oportunidade de chegar a uma avaliação transparente de nossos méritos e de nossos problemas, separando da circunstancialidade aqueles de natureza estrutural e colocando-nos em condições de estabelecer planos de metas mais precisos e capazes de levar em conta, inclusive, fatores de custo/benefício em sua mais ampla especificidade universitária.

Quanto mais universal e refinada for a avaliação das universidades brasileiras — e cabe ao sistema universitário paulista tomar a dianteira desse processo — tanto maiores serão as chances de ampliar a capacidade de realização e de trazer para o seu campo de interesses outros agentes sociais — o empresariado, por exemplo — que poderão certamente contribuir para o financiamento do ensino público no país.

Desempenho acadêmico nos cursos de graduação

Antonio Faggiani

Encontra-se em fase final de redação um estudo intitulado o "Desempenho acadêmico nos cursos de graduação da Unicamp", que tem como objetivo trazer novos esclarecimentos e estimular discussões a nível da comunidade universitária de modo a propiciar condições para a melhoria da qualidade de ensino ora vigentes na instituição.

O trabalho aborda, quantitativamente, os seguintes itens: percurso do aluno na Universidade, especificando-se as diferentes ocorrências, tais como formaturas, evasões e flutuações. Sem que se pretenda esgotar o assunto, são apresentadas análises de cada uma dessas ocorrências, acrescentando-se informações específicas sobre, por exemplo, a repetência.

A metodologia utilizada privilegia o acompanhamento do aluno desde seu ingresso até sua saída da Universidade, seja por formatura, seja por desistência ou desligamento. O trabalho é fruto de dados acumulados e sistematizados na Diretoria Acadêmica a partir de questionamentos em torno do número de alunos que teriam deixado a Unicamp antes de concluírem os cursos em que haviam ingressado; do significado desse número em relação ao total dos matriculados; do percentual correspondente àqueles que teriam cancelado suas matrículas nos cursos que vinham frequentando, para se matricularem em outros cursos da instituição;



Antonio Faggiani é diretor acadêmico da Unicamp.

e da distribuição da evasão pelos diferentes cursos.

Os resultados obtidos são apresentados em relação à Unicamp de modo geral e em relação às diferentes áreas de conhecimento. Em se tratando de cursos, toma-se como exemplo o curso de Engenharia Elétrica, oferecendo-se ao leitor, através de anexos, dados referentes aos demais. O trabalho compreende o período de 1970 a 1991.

O estudo iniciou-se no ano de 1979, quando o professor Nicolau Jannuzzi, então pre-

sidente da Câmara Curricular, sugeriu que se estudassem as prováveis correlações entre notas obtidas nos Concursos Vestibulares e o rendimento acadêmico dos alunos, em termos de coeficiente de rendimento e coeficiente de rendimento acumulado. Com os dados obtidos junto às Fundações Mapofei e Carlos Chagas, responsáveis na época pelo processo de seleção de candidatos à Unicamp e consultas feitas aos registros desta Universidade, elaboraram-se tabelas contendo informações que incluíam as opções feitas no momento de inscrição aos vestibulares.

Os resultados preliminares desse trabalho estimularam a realização dos professores James P. Maher e Afira Vianna Ripper, ambos da Faculdade de Educação desta Universidade. Tal estudo procurava obter informações mais completas sobre o comportamento acadêmico do aluno da Unicamp.

Foram considerados sujeitos desta pesquisa todos os alunos que ingressaram na universidade entre 1977 e 1979. O trabalho utilizou os dados obtidos junto à Fuvest, que foram cruzados com as informações relativas ao rendimento acadêmico observado nos cursos da Unicamp.

Os resultados obtidos chegaram a surpreender os pesquisadores que esperavam encontrar correlações positivas entre notas obtidas nos vestibulares e rendimentos acadêmicos. A título de exemplificação: entre as correlações assinaladas, observou-se uma correlação positiva entre notas obtidas em Biologia no vestibular e o rendimento aca-

dêmico no curso de Engenharia Elétrica; não foram encontradas correlações entre notas obtidas em Matemática nos vestibulares e rendimento acadêmico em quaisquer das engenharias; as notas dos vestibulares e o rendimento acadêmico no curso de Medicina tendiam a se correlacionar negativamente. Em termos gerais, ao se analisar os dados, encontraram-se correlações positivas entre as notas obtidas em Línguas Estrangeiras nos vestibulares e o rendimento acadêmico ao longo dos cursos de graduação.

Algumas correlações registradas, tais como a existência — maior que a esperada — de alunos que ingressaram na Universidade para fazer um determinado curso e acabaram matriculados em outros, assim como de alunos — em maior número do que se supunha — que abandonaram a Universidade sem terminar o curso, desencadearam estudos específicos relativos a estes dois fenômenos, ou seja, à flutuação e à evasão nos cursos.

A etapa preliminar do presente trabalho se constituiu na construção de uma matriz, em que a cada aluno ingressante corresponde o mesmo concluinte do curso em que ingressara, o concluinte de outro curso diferente daquele de ingresso, ou ainda, o que terminou por deixar a Universidade. No período que abrange o trabalho — 1970 a 1991 — foram objeto da pesquisa 27.624 indivíduos que estão assim distribuídos: concluíram o curso: 14.708 (53,2%); evadiram-se: 6.179 (22,4%); "flutuaram": 1.381 (5,0%); e continuavam matriculados em dezembro de 1991: 5.356 (19,4%).

unicef

LIVROS, JOGOS, CANECAS E POSTAIS PARA CRIANÇAS.

Já é **NATAL** na **Liubliú**

LIUBLIÚ - TILLI CENTER E GALERIA NAHAS - BARÃO GERALDO
BANCA DE LIVROS UNICAMP

F : 39-2000

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciancio
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Arnando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho

Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081 - 970, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-7183 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.

Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Colaboradora - Raquel do Carmo Santos
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Anarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéa Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

COMPOSIÇÃO FOTOLITOS E IMPRESSÃO

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMPRES

GOVERNO DE SÃO PAULO

CEB abre curso de engenharia clínica

Curso é o primeiro do país na área e tem nível de especialização.

Cerca de 45% dos equipamentos utilizados na área de saúde estão parados hoje no Brasil, pela falta de especialistas que orientem os hospitais, clínicas e demais serviços quanto à aquisição ou manutenção dos aparelhos. O principal motivo é a ausência do engenheiro habilitado para essas tarefas — apenas 1% dos hospitais contam com o trabalho desses profissionais e, ainda assim, devido à experiência que eles conseguiram adquirir por iniciativa própria, muitas vezes através de especializações no exterior. Para inverter esse processo, uma das saídas é capacitar engenheiros para o gerenciamento, controle de qualidade e normatização de equipamentos em saúde. É o que estará oferecendo, em janeiro do próximo ano, a Unicamp e outras três instituições de ensino superior do país, através do curso de especialização em engenharia clínica.

Fruto do convênio Inamps/Unicamp, o curso é novo no país e teve como embrião o Programa de Equipamentos Odontológico-Médico-Hospitalares (Proequipo), realizado pela Secretaria Nacional de Assistência à Saúde, do Ministério da Saúde, e do qual participaram profissionais de instituições de ensino superior — Unicamp, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (Cefet), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

(PUC-RS) e Instituto de Coração (Incor). A elaboração do curso contará inicialmente com recursos de US\$ 1,5 milhão provenientes do governo federal. Para a primeira turma serão oferecidas 75 vagas, sendo 20 para a Unicamp e as demais para a USP, PUC-RS e UFPB.

Os campos de atuação do profissional em engenharia clínica são, basicamente, a elaboração de programas de equipamentos, programas de segurança e programas de aquisição de equipamentos. O coordenador do Centro de Engenharia Biomédica (CEB) da Unicamp, Saide Jorge Calil, explica que o novo profissional irá atuar junto aos serviços de saúde no sentido de auxiliar no processo de aquisição, instalação e manutenção de equipamento médico, na elaboração de projetos hospitalares e na implantação de serviços de radiologia ou pediatria, por exemplo, indicando o melhor tipo de instalação ou a melhor forma de orientar o fluxo de pacientes

Bolsas — Pela Unicamp o curso de especialização em engenharia clínica irá envolver docentes das faculdades de engenharia elétrica, engenharia mecânica, ciências médicas e especialistas convidados da própria Universidade e de outras instituições. Será ministrado nas dependências do CEB (prédio anexo ao Hospital de Clínicas), onde os alunos utilizarão os laboratórios de eletrônica, informática, oficinas de manutenção mecânica e eletrônica, além do laboratório de ultrassom. De acordo com Calil, a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) se compromete a financiar bolsas equivalentes às de mestrado.

Outro detalhe da nova especialização é que irá requerer do aluno 60 horas de dedicação semanal, a exemplo do tempo



Calil: suprir a carência de especialistas na área da engenharia clínica.

exigido do médico residente. Com isso, o engenheiro terá que atuar até mesmo no centro cirúrgico, por exemplo, onde irá checar o funcionamento dos equipamentos, antes, durante e após as cirurgias. Para as inscrições, realizadas a partir do dia 16 de novembro até 1º de dezembro, em nível nacional, os interessados deverão se dirigir ao Centro de Engenharia Biomédica (CEB) da Unicamp através da caixa postal 6040 ou pelos telefones (0192) 39-7742 e 39-8245. A seleção será baseada no currículo, havendo preferência para aqueles com experiência em serviços de saúde.

Colégio técnico — Também resultado de convênio com o Inamps, o Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca) irá iniciar, no próximo ano, duas modalidades do curso técnico em manutenção de equipamentos médico-hospitalares. Destinado a pessoas habilitadas com curso técnico de eletro-eletrônica, começa no próximo semestre o curso de extensão com 450 horas de duração. O curso de complementação técnica, com duração de dois anos e meio, terá início no segundo semestre de 1993. Os candidatos deverão ter certificado de conclusão do curso de 2º grau. (C.P.)

HC oferece até atendimento dentário

Poucos hospitais da rede pública contam com esse tipo de serviço.

O sistema de saúde no Brasil está doente. O descrédito quase universal dos hospitais particulares em relação ao Sistema Único de Saúde (SUS), provocou uma sobrecarga no atendimento dos hospitais públicos, nem sempre preparados para suprir a demanda. Entretanto, nesse quadro preocupante e sombrio, o Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp não só se firma como centro de referência para uma população de mais de quatro milhões de habitantes, como amplia e intensifica a cada dia o leque de atendimentos. Destaca-se aí o Serviço Odontológico do HC — hospitais públicos raramente exercem essa função — que desde agosto está sob a administração do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom). Passados três meses, os resultados são notórios: triplicou o número de atendimento odontológico prestado à população, passando de 200, em junho, para 620, em setembro.

"A primeira medida foi reestruturar o trabalho que até então vinha sendo desenvolvido", afirma Laura Helena D'Ottaviano, responsável pelo Serviço de Odontologia do HC. Ela coordena atualmente o trabalho de dois profissionais (um clínico geral e um especialista em buco-maxilo) e supervisiona as atividades de oito estagiários formados. O quadro de profissionais se completa com a cooperação dos especialistas em buco-maxilo do Cecom que se revezam diariamente no atendimento do HC.

Para atender a demanda, a carga de trabalho do quadro foi ampliada de 4 para 8 horas. Todas as atividades acontecem no Serviço de Odontologia "Nelson D'Ottaviano", localizado no terceiro andar do HC da Unicamp. O órgão conta com dois consultórios completos e uma cadeira de exame.

Especificidade — O atendimento odontológico prestado pelo HC destaca-se dos demais pela sua especificidade. Serviços como restauração ou extração simples não

são procedimentos abertos à comunidade externa. Atendimentos dessa natureza devem ser oferecidos pelos diversos centros de saúde do município. Os dentistas do HC concentram suas atividades em processos mais complexos da cirurgia oral menor, que consistem na extração de pequenos tumores, dente supra numerário, dente incluso e do siso, o último dos dentes molares, que surge geralmente na adolescência. Além dessas cirurgias, o especialista em buco-maxilo do HC presta atendimento a pacientes que apresentam disfunção de ATM (Articulação Têmporo-Mandibular), que se caracteriza por dor facial, cefaléia, dificuldade na mastigação e tontura.

Outro trabalho pouco comum prestado pelo HC consiste na confecção de prótese buco-maxilo-facial, que possibilita, entre outras funções, a substituição de um osso da face perdido por trauma ou tumor. A confecção de placa oclusal para disfunção de ATM também é outro exemplo de serviço prestado à comunidade externa. Entretanto, prótese fixa, ponte móvel, dentadura e aparelho ortodôntico não são oferecidos pelo HC.

Os serviços de radiologia em odontologia também são os mais completos na área. Radiografia panorâmica, tele-radiografia de perfil e radiografia oclusal e periapical são também serviços prestados gratuitamente à população. Segundo o diretor do Cecom, Mário Monteiro Terra, nenhum outro serviço odontológico público reúne semelhante gama de atendimento. Para utilizar esses serviços, o paciente deve ter a indicação de um Posto de Saúde e dar entrada no APA (Ambulatório de Pronto Atendimento) do HC, que se encarregará de fazer o agendamento.

Atendimento aos internos — Os serviços oferecidos pelo HC não se limitam ao atendimento de casos complexos, pelo menos quando o público alvo é formado por pacientes internados no hospital. Compete ao clínico geral realizar o tratamento dentário dos internos, mesmo que seja uma restauração simples. "A maioria dos pacientes desconhece a existência desse atendimento odontológico", diz Laura. Diante desse quadro, a nova administração vem desenvolvendo um programa de saúde oral que consiste em visitas às enfermarias com



Laura e Mário: interação da odontologia com a medicina.

Serviço de Odontologia - HC

	Junho	Setembro
Procedimentos	131	403
Exames clínicos	69	217
Radiografias	90	130
ATM	15	83
Total de Atendimentos	200	620

o objetivo de orientar sobre métodos de higiene bucal e programar, quando necessário, procedimentos curativos. "Trata-se de um trabalho pioneiro em hospital público", afirma a coordenadora. Outro segmento que vem merecendo atenção especial por parte dos dentistas do HC são os hemofílicos e as crianças excepcionais.

Após 90 dias de trabalho, o novo Serviço de Odontologia do HC vem ganhando reconhecimento junto à comunidade médica. Muitos procedimentos são realizados em conjunto com diferentes segmen-

tos da medicina, como a Disciplina de Cirurgia Plástica. "É cada vez mais forte a interação odonto-plástica, que é a área da odontologia voltada ao apoio à cirurgia plástica", diz Laura. A crescente demanda levou o Centro Cirúrgico do HC a destinar ao Serviço de Odontologia um dia da semana para a realização de cirurgias que exigem aplicação de anestesia geral. Segundo Mário Terra, o bom nível de atendimento se dá devido ao apoio que o órgão vem recebendo da Superintendência do HC e de suas coordenadorias. (A.C.)

Avaliação atinge seu ponto alto

Diagnóstico é feito por consultores de primeira linha.

O crescimento qualitativo de uma instituição não deve escapar de uma avaliação ampla e crítica sobre o seu desempenho global. Seria, num sentido figurado, radiografar o organismo como um todo e, como fruto de minuciosa perícia, obter informações confiáveis, apresentadas com a colaboração de agentes qualificados. Na Unicamp, por exemplo, esta prática vem sendo efetivada há algum tempo e agora toma novo rumo com a atuação de consultores externos especialmente convidados para a tarefa.

Quando apresentou a minuta deste trabalho aos consultores, enfatizando a nova postura de avaliação crítica do desempenho global da instituição, o reitor Carlos Vogt declarou ser "indispensável à universidade fixar-se no desenvolvimento homogêneo de suas partes, concentrando esforços para além de seus bolsões de qualidade mais evidentes e emprestando nova dinâmica àqueles segmentos porventura estagnados e sem definição institucional clara".

Em meados de 1990, como lembra o reitor, foram estabelecidos os padrões e as diretrizes do Projeto Qualidade. Direcionado para o aprimoramento do nível científico e tecnológico da instituição, desde então este projeto se desdobra apresentando pontos positivos para a vida universitária — por exemplo, quase 65% do corpo docente da Unicamp possui hoje pelo menos o título de doutor. Segundo Vogt, o porto de chegada mais importante do Projeto Qualidade é, agora, a avaliação institucional que se empreende com a participação direta das unidades de ensino e pesquisa, acrescida da atuação crítica do corpo de consultores externos à Universidade.

Integração e qualidade — Foi principalmente depois da implantação do Projeto Qualidade que se reforçou entre os docentes e a administração superior a importância de um processo de avaliação amplo e global, envolvendo de modo integrado não apenas os diversos níveis de ensino, pesquisa e extensão, como também todos os agentes do trabalho acadêmico e científico. Assim, a integração passou a ser considerado conceito chave para a indicação de uma diretriz metodológica e temática, bem como para garantir a estruturação das ações, enquanto a qualidade emergiu como a exigência básica para se efetivar o trabalho dos consultores.

Até então o processo de avaliação consistia de habituais relatórios de atividades dos professores e, numa esfera coletiva, da elaboração dos relatórios anuais dos departamentos e unidades de ensino e pesquisa. O pró-reitor de Pós-Graduação, professor José Dias Sobrinho, explica que o novo projeto foi elaborado gradativamente pelas pró-reitorias de Graduação e de Pós-Graduação, com a colaboração de suas respectivas comissões centrais. Num primeiro momento, cada unidade de ensino e pesquisa recebeu um roteiro para auto-avaliação, a ser entregue à equipe de consultores externos.

Os tópicos do roteiro abrangem os objetivos da unidade, a análise qualitativa do corpo docente e das características gerais do corpo discente, aspectos gerais da graduação e da pós-

-graduação, sem excluir a avaliação da atividade docente em sala de aula feita pelos próprios estudantes; e mais: como se dá a integração dos alunos egressos em relação ao mercado de trabalho e à Universidade, a estrutura curricular dos cursos, a produção acadêmico-científica, as atividades de extensão, a infra-estrutura da instituição e outros indicadores característicos de cada unidade, por exemplo a residência médica e o pós-doutorado. De posse das informações transformadas em relatórios, a Universidade passou para o segundo estágio do processo: a participação dos agentes externos.

Emissão de parecer — Os consultores externos terão pela frente a árdua tarefa de emitir pareceres referentes a cada área de atuação da Universidade. A responsabilidade não é pequena. Entre os documentos elaborados para a equi-

pe de consultores o reitor relata que, no contexto das instituições brasileiras de ensino superior, a Unicamp nasceu com o ideal de uma instituição moderna, parametrada nos moldes de universidades norte-americanas voltadas para o desenvolvimento tecnológico — equilibrando-o, porém, com a tradicional vocação humanista européia. No seu primeiro quarto de século, observa o reitor, a Unicamp atingiu o equilíbrio entre as suas várias áreas e se colocou à altura dos desafios dos novos tempos — por exemplo, "habilitando profissionais com capacidade para catalisar o desenvolvimento dos nichos de competência e assim transporem as fronteiras tecnológicas".

A elaboração do parecer sobre a Universidade seguirá duas vertentes — a análise de documentos e entrevistas. Os documentos são a auto-avaliação das unidades, o relatório dos cur-

sos de pós-graduação, as avaliações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG) da Universidade, a avaliação bienal dos cursos e das disciplinas por alunos e professores, o quadro do corpo docente com respectiva qualificação e regime de trabalho, a grade curricular dos cursos, a distribuição de carga didática, dados sobre a graduação e a pós-graduação (vagas no vestibular, ingressos, evasão e migração, tempo médio de integralização e outros itens), e a avaliação feita pelos empregadores dos alunos egressos, além de outros documentos.

As entrevistas envolverão diretores, coordenadores de cursos e chefes de departamentos, professores, alunos, ex-alunos e servidores. Pelo organograma do novo modelo de avaliação institucional, o parecer da Comissão Externa de Avaliação deverá ser encaminhado para a Comissão de Avaliação de Desenvolvimento Institucional (Cadi) e à Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). Vinculadas ao Conselho Universitário (Consu), órgão máximo da Unicamp, a Cadi e a Cepe foram criadas para descentralizar e agilizar as atividades do Consu.

Diagnóstico da graduação — Entre os diferentes aspectos que os consultores externos encontrarão no cenário acadêmico, existem, por exemplo, aqueles que revelam problemas substanciais dos cursos. O diagnóstico da graduação apresentado aos especialistas visitantes ilustra este fato, pois ao levar em conta suas necessidades básicas, aponta duas questões: a adequação curricular e a evasão. Sobre o primeiro ponto o reitor Carlos Vogt afirma que é preciso considerar que vários cursos de graduação são ministrados há mais de duas décadas e, para a maioria, a mudança mais significativa registrada no decorrer desse período foi a introdução da nova sistemática do vestibular.

A realidade demonstra que os aprovados no concurso vestibular iniciam as suas atividades acadêmicas no denominado Ciclo Básico. Concebido na década de 60, no bojo de uma reforma universitária que não foi inteiramente implementada, o básico teve como proposta original introduzir o aluno na Universidade, oferecendo um leque de disciplinas comuns à maioria das carreiras, de forma que ao final do biênio fundamental o aluno pudesse escolher a carreira mais conveniente. "Ocorre que as disciplinas de formação básica, com o tempo, passaram a ser oferecidas sem qualquer vinculação orgânica com a área de escolha profissional do aluno e, em geral, são ministradas por professores de diferentes unidades e sem a oportunidade de uma visão integrada do curso", diz ele.

O reitor diz ainda, em sua análise, que o sistema de créditos parece ter demonstrado que não conseguiu a solidez e a agilidade necessárias para que os alunos pudessem integralizar o currículo, na velocidade adequada a sua capacidade individual. Observou-se ainda que a inadequação curricular conduz à evasão de alunos, nos vários cursos oferecidos. "A evasão mostra que muitos deles se desiludem rapidamente. Os dados colhidos e organizados pela Diretoria Acadêmica, cobrindo o período compreendido pelos últimos 20 anos, mostram que a grande concentração de evasão se dá nos primeiros quatro semestres do curso, coincidentes portanto com o período das disciplinas de formação básica", afirma o reitor. (C.P.)

Grupo é formado por vinte pesquisadores

Realizar o diagnóstico global e minucioso de uma das mais respeitadas instituições de ensino superior da América Latina é uma tarefa para profissionais de primeira linha. Pelo menos isso é o que ficou evidente para a Reitoria da Unicamp no momento em que buscou os nomes que deveriam compor a equipe de consultores externos no contexto do projeto de avaliação. Cada avaliador deveria ser um profissional altamente respeitado em sua área, tanto pela postura acadêmica quanto ética, e com intensa experiência universitária. Especialista que, de modo isento e quando necessário, pudesse contribuir efetivamente para o encaminhamento de sugestões que levem a mudanças qualitativas no desenvolvimento dos cursos da Universidade.

Várias foram as sugestões de nomes apresentadas por associações científicas e conselhos profissionais, entre outras entidades de classe. No perfil exigido, para a área de exatas enquadraram-se Moyses Nussenzveig (pesquisador do Departamento de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, recentemente cotado para o Ministério da Ciência e Tecnologia), José Manuel Riveros Nigra (Instituto de Química da Universidade de São Paulo-USP), Elon Lages de Lima (presidente do Instituto de Matemática Pura e Aplicada-Impa do Rio de Janeiro) e Vicente José Fulfaro (especialista em geociências da Universidade Estadual Paulista-Unesp).

Os cursos tecnológicos serão examinados pelos especialistas Egberto Vana (Instituto de Fomento Industrial-IFI de São José dos Campos), por Isaias de Carvalho Macedo (Copersucar), pelo engenheiro civil Marcio Fantozzi Giorgetti (Escola de Engenharia de São Carlos da USP), por Sandoval Carneiro Júnior (ex-diretor da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes e engenheiro elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ), Luiz Bevilacqua (Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ), Tetuo Hara (Departamento de Engenharia Agrícola da Universidade Federal de Viçosa-UFV, Minas Gerais) e Cláudio Augusto Oller do Nascimento (Departamento de Engenharia Química da Politécnica da USP).

A área de humanidades terá como consul-

tores convidados os professores Marcelo Guerschfeld (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS), a economista Sulamis Dain (UFRJ), o linguista Izidoro Blikstein (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), além de Carlos Roberto Jamil Cury (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG) e o antropólogo Otávio Alves Velho (Museu Nacional do Rio de Janeiro).

Também a cargo de expressivos nomes do meio acadêmico e científico, a área de biológicas ficou para Manoel José Gomes Tubino (especialista em educação física da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro), o odontologista Flávio Fava de Moraes (diretor-científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-Fapesp), o biólogo Jorge Guimarães (diretor de programas do Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica-CNPq) e o médico William Saad Hosne (ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos, atualmente pesquisador da Unesp-Botucatu).

Relatório final — Assim, no contexto das quatro áreas de ensino e pesquisa — exatas, tecnológicas, humanas e biológicas —, os organizadores do processo de avaliação estabeleceram a formação de quatro comissões externas, com um especialista para cada instituto ou faculdade da Unicamp. São 20, ao todo, os consultores convidados, que para uma análise prévia receberam no mês passado o conjunto do material sobre cada unidade. Para facilitar o trabalho, professores da Unicamp atuarão como assessores dos consultores.

A primeira semana de novembro ficou reservada para os trabalhos dos especialistas em exatas, a segunda para tecnológicas, a terceira para os pesquisadores de humanas e a última semana deste mês para as biológicas. Concluídas as tarefas iniciais, para a primeira semana de dezembro haverá nova reunião, desta vez com um grupo composto por um representante de cada equipe reunida anteriormente. Os especialistas do grupo geral é que terão como meta fechar a análise global da Universidade. A pauta irá focalizar, entre diversos pontos, a parte hospitalar, os núcleos e centros, bem como a questão da transferência tecnológica. (C.P.)



GUIDO SHELL

QUALIDADE DO COMBUSTÍVEL
E
GARANTIA DE BONS SERVIÇOS

FORMULA

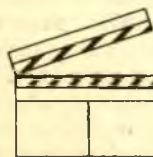
Shell

Só Shell tem a fórmula

* LAVAGEM RÁPIDA GRÁTIS

CARVÃO - SORVETES KIBON - BEBIDAS E GELO

AV. ALBINO J. B. DE OLIVEIRA, 1.001 - BARÃO GERALDO
FONE: 39-1442



DESKTOP

COMPUTAÇÃO VIDEOGRÁFICA

- SLIDES COLORIDOS
- TRANSPARÊNCIAS COLORIDAS
- IMPRESSÕES COLORIDAS E P. e B.
- PRODUÇÕES EM VÍDEO
- ANIMAÇÕES
- BUREAU COM SERVIÇO EXPRESSO 24 hs.

PROFISSIONAIS
ESPECIALIZADOS E CRIATIVOS.
MELHOR QUALIDADE.

R. Luiz Gama, 835 - Castelo - cep. 13070 - Campinas - S.P.
FONE / FAX: (0192) 42-5784

Indicadores dimensionam desempenho

Governador recebe relatório estatístico sobre as universidades estaduais paulistas.

Os reitores Carlos Vogt, Roberto Leal Lobo e Paulo Milton Landim entregaram ao governador Luiz Antonio Fleury Filho, no último dia 4 de agosto, um relatório com os indicadores de produção científica, acadêmica e cultural das três universidades estaduais paulistas — respectivamente Unicamp, USP e Unesp. É a primeira vez que um relatório desse porte, e com essas características, foi preparado. Os índices qualitativos das universidades devem determinar, futuramente, os critérios de distribuição de recursos por parte do Estado.

Elaborado sob a chancela do Conselho de Reitores do Estado de São Paulo (Cruesp) e a supervisão de uma comissão especial criada para essa finalidade, o documento, embora preliminar, denota o esforço significativo para a busca de aprimoramento das três instituições. Seus dados, considerados ainda insatisfatórios pela falta de uniformização de critérios nas metodologias empregadas para os levantamentos estatísticos da produção acadêmica, já evidenciam, no entanto, o perfil próprio de cada universidade.

Respeitadas as suas estruturas e especificidades, as universidades estaduais paulistas passarão a competir por recursos do governo do Estado tendo como parâmetro fundamental o mérito. Ao contrário das demais instituições de ensino superior do país, elas contam com orçamentos garantidos por lei, com base na arrecadação do ICMS do Estado. Apesar desta ser uma posição confortável face à crise conjuntural por que passa o país, o real declínio das verbas nos últimos anos obrigou as instituições a trilhar caminhos em busca de eficiência administrativa, moldando-se, portanto, aos novos tempos.

Dificuldades — De acordo com o relatório da comissão de indicadores para a composição orçamentário do Cruesp, a busca de critérios para estruturar a distribuição de verbas em instituições de ensino superior é uma preocupação internacional. Por outro lado, "a tarefa de criar variáveis e indicadores das universidades é complexa e gera polêmicas dada a heterogeneidade e a interdependência das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Por exemplo, os recortes entre ciência pura e aplicada, as várias áreas de conhecimento, apresentam peculiaridades que não podem ser desconsideradas", avalia o documento.

Ainda de acordo com o relatório, as dificuldades associam-se à superposição e à multiplicidade das atividades (entre ensino e pesquisa, entre linhas de pesquisa e extensão) e às dificuldades de avaliação,



Laboratório de pesquisa química do CPQBA da Unicamp.

Avaliação — pós-graduação CAPES

Mestrado	Unicamp	USP	Unesp
Conceito A	72,5%	63%	35%
Conceito B	15,7%	30%	42%
Conceito C	11,8%	7%	20%
Doutorado			
Conceito A	74,3%	58%	60%
Conceito B	8,6%	35%	16%
Conceito C	14,3%	4,8%	20%

sendo necessárias, às vezes, décadas para uma aferição mais segura.

Como o objetivo final é qualitativo, na verdade os indicadores numéricos não devem ser analisados por si mesmos, mas apenas como subsídios para uma aferição global da instituição. Nesse sentido, os membros da comissão do relatório sugerem que cada universidade também elabore um relatório analítico de suas atividades e indicadores, incluindo suas metas para o futuro.

Alguns indicadores — Estabelecidos alguns parâmetros básicos para os indica-

dores das universidades paulistas, o quadro geral, embora não seja considerado ideal pelas próprias instituições que vêm trabalhando em busca de maior eficiência administrativa, acadêmica e científica, é considerado animador. Mesmo porque, é no Estado de São Paulo que sabidamente se encontra a maior concentração de pesquisadores de primeira linha, bem como o maior volume de pesquisas desenvolvidas no país.

A Universidade de São Paulo é a mais antiga das três estaduais, com pouco mais de 50 anos de existência. A Unicamp aca-

ba de completar 26 anos e a Unesp, embora reúna unidades já bastante antigas, tem apenas 15 anos enquanto universidade. A USP tem 5.419 professores ativos, 16.817 funcionários (excluídos os da área de saúde) e 50.567 alunos, dos quais 33.808 de graduação e 12.581 de pós-graduação.

Na Unicamp, são 2.082 professores, 5.309 funcionários (excetuando-se os do complexo hospitalar) e 14.756 alunos (graduação, pós-graduação e especiais). Entre as universidades paulistas, considerando-se isoladamente o corpo discente, a Unicamp é a que concentra o maior número de alunos de pós-graduação (44%), o que revela sua vocação para a pesquisa. Na Unesp, existem 3.392 docentes, 7.426 funcionários (à exceção dos que trabalham na área de saúde) e 20.478 alunos, dos quais 17.467 cursando graduação e 3.011 pós-graduação.

Na avaliação sistemática da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) nos cursos de pós-graduação, a Unicamp ocupa um lugar privilegiado. Em seus 75 cursos de mestrado, 72,5% obtiveram conceito "A", 15,7% "B" e 11,8% "C". Nos 56 cursos de doutorado, 74,3% estão com conceito "A", 8,6% com "B" e 14,3% com "C". A USP, em seus 97 cursos de mestrado, 63% estão com conceito "A", 30% com "B" e 7% com "C". No âmbito do doutorado, em seus 73 cursos, 58% tiveram "A", 35% "B" e 4,8% "C". Já a Unesp, em seus 45 cursos de mestrado, 35% tiveram "A", 42% "B" e 20% "C". Nos 25 cursos de doutorado, 60% tiveram "A", 16% "B" e 20% "C".

A produção científica das três universidades estaduais é significativa. Em 1990, a USP, cujo número de docentes é duas vezes e meia o da Unicamp, publicou 3.300 artigos em periódicos especializados no Brasil e 1.035 no exterior. No mesmo ano, a Unicamp publicou 568 no Brasil e 489 no exterior e a Unesp 1.137 no Brasil e 360 no exterior.

O custo anual por aluno é outro componente importante. A Unicamp está em melhor situação: gasta US\$ 3.922 contra US\$ 5.310 da USP e US\$ 6.163 da Unesp. Na relação professor-aluno, embora o índice da Unicamp seja o mais baixo, 5,8, esse número é atribuído ao grande contingente de alunos de pós-graduação da instituição, 44% do total de estudantes, o que exige uma atenção mais individualizada. Na USP essa relação é de 9,3 e na Unesp 6,0. Quanto ao índice de evasão, que vem preocupando os reitores das três universidades, o menor índice está na Unicamp (23%), contra 39% da Unesp e 43% da USP. De qualquer maneira, as três universidades vêm promovendo diagnósticos sobre os problemas de seus cursos visando a uma ampla reformulação para garantir não só a melhoria de qualidade como também uma redução drástica da evasão. (G.C.)



PROTEJA SUA CASA OU
ESCRITÓRIO COM O
VASO DAS 7 ERVAS.

FAÇA SUA ENCOMENDA !

Livros, cristais, incensos, gnomos,
revistas, cartões, velas,...

R. FRANCISCA MERCEAL, 125
(ao lado da sub-prefeitura)
BARÃO GERALDO
FONE: 39-3104

Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA
FLORAIS DE BACH
FLORAIS CALIFORNIANOS



Farmacêutica Homeopata:
Denise Derly Saburi
CRF 8.11.888

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319

As lições do in

O processo do impeachment do presidente Collor abriu um precedente histórico até há pouco inimaginável. Até mesmo os países desenvolvidos, acostumados a lidar com a plenipotência dos governos latino-americanos, surpreenderam-se com o exercício de cidadania da nova democracia brasileira. Para analisar esse momento peculiar da transição política e econômica, o *Jornal da Unicamp* ouviu o cientista político do Instituto de Filosofia e Ciências Políticas (IFCH) da Unicamp, professor Leôncio Martins Rodrigues.

Jornal da Unicamp — Após o episódio das diretas-já, o movimento cívico pró-impeachment, vitorioso na Câmara dos Deputados, evidencia um forte desejo de resgate da cidadania. Ao mesmo tempo, a duplicação de votos brancos e nulos no 1º turno da recente eleição para as prefeituras parece indicar uma forma de protesto social consciente. Existe alguma contradição entre esses diferentes comportamentos? Qual a sua análise?

Leôncio — Penso que não há contradição e nem relação entre os dois fenômenos. Os que participaram das manifestações não foram os que votaram branco ou nulo ou se abstiveram nas últimas eleições. O movimento pró-impeachment mobilizou principalmente a classe média e parcelas dos trabalhadores manuais organizados sindicalmente. Embora houvesse, nas manifestações estudantis, uma porcentagem significativa de mulheres, já entre a massa de trabalhadores a participação feminina pareceu bem menor. Ocorre que as maiores proporções de votos brancos e nulos são habitualmente encontrados entre os mais pobres, de menor escolaridade e, nessas faixas, entre as mulheres. Nessas condições, para as camadas mais marginalizadas da população, o voto branco ou nulo não significa um voto de protesto mais consciente mas sim a desconfiança com relação à política, a crença de que, através do voto, não conseguirão melhorar a sua situação e de que todos os políticos são iguais. Em minha opinião, de certo modo, eles estão certos, porque, finalmente, mudam os governos e a parte mais pobre de nossa população continua aproximadamente na mesma situação, ou numa situação pior.

JU — A não intervenção dos militares, no processo de impeachment, pouco comum em crises dessa dimensão, pode ser creditada ao amadurecimento do processo democrático no Brasil?

Leôncio — De fato, o silêncio das Forças Armadas numa crise que envolveu o afastamento de um presidente pode ser considerado um fato inédito em nossa história. Sem ser demasiadamente otimista, julgo que podemos considerar como um indicador do avanço da democracia em nosso país. Mas, de todo jeito, cumpre ter em mente que o impeachment, do ponto de vista das Forças Armadas, não significaria uma alteração muito profunda do jogo político e das relações de forças a ponto de estimular uma intervenção militar. Em outros termos: não haveria o risco da ascensão de um presidente de esquerda nem tampouco da subversão da ordem pública, pontos que tocam a sensibilidade dos militares. Além disso, Collor estava muito desprestigiado e abandonado por todas as forças políticas e segmentos sociais mais representativos do país: do movimento sindical aos empresários, passando pela tecnocracia, pelos estudantes, pelos intelectuais, pela Igreja etc. Não haveria razão para as Forças Armadas saírem em defesa de um presidente impopular e desmoralizado. Assim, para uma avaliação mais precisa do avanço da democracia brasileira seria necessário aguardar um pouco mais de tempo para ver como as Forças Armadas reagirão a outras eventuais situações de crise política.

JU — A recente preocupação com a ética na política brasileira, histórica-

mente permeada pelo clientelismo e pela corrupção, indicaria a perspectiva de uma real mudança no caráter cultural da classe política?

Leôncio — Parece-me que a mudança foi mais da opinião pública do que dos parlamentares. É preciso não esquecer que houve uma pressão muito grande da imprensa, da população, dos sindicatos etc. Mesmo assim, apesar de todas as provas mostrando a dimensão da máquina de corrupção que tinha no seu vértice o presidente da República, o impeachment foi uma verdadeira batalha. Muitos deputados só votaram pelo impeachment por temor de serem punidos pelo eleitorado e quando a sorte de Collor estava decidida. Assim, sem querer diminuir o significado da votação favorável ao impeachment e nem tampouco ignorar a existência de um importante grupo de deputados com um sentido do dever cívico, forçoso é reconhecer que o movimento pela ética na política partiu mais da sociedade civil do que da classe política.

JU — O fortalecimento do Judiciário e a possibilidade de mudança no sistema político, a partir do plebiscito em abril de 1993, permite apostar na consolidação do Estado de direito e na reafirmação das instituições democráticas?

Leôncio — Fora dos períodos de ditadura, o Judiciário sempre teve muito poder no Brasil. Com relação ao parlamentarismo vs. presidencialismo, é claro que também sob o presidencialismo é possível haver democracia. Em termos de um melhor equilíbrio entre os poderes, pode-se perfeitamente imaginar que o presidencialismo assegura uma melhor distribuição de poder. O cientista político Arend Lijphart, na sua obra *As Democracias Contemporâneas*, entende que o Congresso norte-americano é um corpo legislativo bem mais poderoso do que qualquer dos parlamentos europeus. Quero com isso dizer que a consolidação da democracia não depende do parlamentarismo. Mais importante do que qualquer engenharia constitucional me parece a criação de uma cultura cívica e o aperfeiçoamento das instituições democráticas. Desse ângulo, sucessivas mudanças institucionais afiguram-me negativas para a democracia porque destroem a "sacralidade" das instituições democráticas que apenas o tempo pode dar. Sucessivas mudanças institucionais (mudanças na legislação eleitoral e partidária, criação de novos partidos, passagem do presidencialismo para o parlamentarismo etc) dificultam o aprendizado e o aperfeiçoamento do jogo democrático.

JU — O início de moralização no trato do bem público terá continuidade? Será mesmo possível "passar o Brasil a limpo" com um Congresso onde o voto depende muito mais das benesses recebidas do que de princípios políticos?

Leôncio — Pode-se imaginar que a indignação da população contra a corrupção deixará suas marcas na vida política brasileira. Mas é cedo para dizer quanto tempo vai durar a reação popular contra a malversação do bem público e a prevaricação dos políticos e dos governantes. Por outro lado, a frase "passar o Brasil a limpo" é ao mesmo tempo vaga e ambiciosa. Se por ela devemos entender o fim da corrupção (ou pelo menos, uma diminuição significativa dos coeficientes de corrupção e sua redução aos escalões menos importantes da administração e dos serviços públicos), forçoso é reconhecer que a moralização não depende apenas da classe política. Mais exatamente: se a corrupção do setor público é muito alta, é porque ela é tolerada pela sociedade civil. Muitos grupos tiram proveito da corrupção. Há uma cumplicidade de segmentos do poder público e do privado. Altos bu-

rocratas e grandes empresários frequentemente estão unidos e se beneficiam da corrupção.

JU — No país do "todos nós somos corruptos" do "todos nós sonhamos impostos" ou do "é dando que se recebe", é possível ter esperanças de mudanças concretas antes da renovação completa do Congresso Nacional?

Leôncio — Esperanças sempre se pode ter, o que não significa necessariamente que elas se realizem. Mas devemos lembrar que desde a abertura política temos tido altos índices de renovação do Congresso brasileiro. Mas, aqui, o que me parece equivocado é esperar súbitas mudanças dos valores e condutas do Congresso. Este reflete, de algum modo, a sociedade brasileira, as expectativas do eleitorado. A classe política afeta o eleitorado mas também é afetada por ele, ou mais exatamente pelo que passa na sociedade brasileira e no mundo. Quero dizer com isso que o Congresso mudará na medida em que a sociedade brasileira mudar. E já mudou. De modo geral, entendo que essa mudança irá no sentido de aumentar a presença de parlamentares originários das classes médias e, em menor medida, das classes populares. Na base desse processo está o crescimento do eleitorado brasileiro, fenômeno que passou relativamente despercebido entre nós. Assim, para lembrar a dimensão da mudança, dou alguns dados sobre a expansão do eleitorado em nosso país: 1933 (1,4 milhão), 1940 (2,6 milhões), 1950 (11,4 milhões), 1960 (15,5 milhões), 1970 (29,9 milhões), 1982 (58,6 milhões), 1989 (82 milhões) e 1990 (83,8 milhões).

Entramos numa fase de política de massas ou, mais exatamente, de democracia de massas, de democracia com participação total ou quase total: cerca de 90% da população entre 16 e 70 anos tem o título de eleitor. Nesse processo, a tendência é a redução do peso das oligarquias, especialmente as de base agrária, e o aumento da presença, numa primeira etapa, dos empresários, e depois, dos representantes das classes populares. Para utilizar os termos e o esquema interpretativo de Robert Dahl, em sua obra *Who Governs?*, os patrícios deverão ceder espaço para os empresários e, depois para os ex-plebeus, na medida em que a popularidade for se divorciando da riqueza e da posição social. Não necessariamente a classe política se tornará mais honesta e competente. Às vezes, os arrivistas revelam mais apetite e menor capacidade na administração do Estado do que os membros das velhas elites. De todo jeito, a direção parece ser a da liquidação — mais rápida, ou menos rápida — da oligarquia sem que isso signifique necessariamente o fim da corrupção e do jogo do "toma lá, dá cá".

JU — O Brasil vive um momento histórico de afirmação da soberania nacional, notório até mesmo para a comunidade internacional. Não existiria o risco desse crédito excessivo ser transformado em frustração pela falta de maturidade dos partidos políticos brasileiros?

Leôncio — Acho que o risco político existe efetivamente e os partidos políticos, se tal acontecer, terão sua parcela de responsabilidade. Mas não acho correto atribuir-se toda responsabilidade aos partidos e à classe política. Há problemas econômicos e sociais graves que não encontrarão solução fácil e que dependerão, em larga medida, do que fizerem os empresários e os sindicatos. Alguma relação existe entre o sistema econômico e o sistema político, entre o eleitorado e a classe política. Acredito que, passado o entusiasmo pelo afastamento de Collor, o povo perceberá que a inflação e o desemprego



Leôncio: "a excessiva fragmentação partidária não ajuda a"

"O movimento pela ética partiu mais da sociedade civil que da classe política".

artins Rodrigues

Impeachment

“Pode-se dizer que Collor foi derrubado pelos meios de comunicação de massa”.



“...nabilidade nem a estabilidade do sistema”.

continuum, embora os níveis gerais de corrupção possam diminuir consideravelmente. Assim, os próximos meses provavelmente serão caracterizados por certa frustração mas, se tal acontecer, a culpa não poderá ser atribuída exclusivamente aos partidos políticos.

JU — A pulverização do quadro partidário brasileiro é compatível com o sistema parlamentarista? Não seria necessário antes uma reforma partidária no país?

Leôncio — Formalmente, o sistema parlamentarista, tal como o presidencialismo, é compatível com diferentes modalidades de sistemas partidários. Ocorre, contudo, que uma excessiva fragmentação partidária não ajuda a governabilidade e a estabilidade do sistema. Há, nesse ponto, uma preliminar: a partir de quantos partidos começa a fragmentação partidária? No caso de um grande partido majoritário, a existência de muitos outros pequenos partidos não é um problema para a governabilidade do sistema. Por outro lado, três grandes partidos ideologicamente polarizados e com forças equivalentes podem constituir um forte obstáculo para a governabilidade uma vez que nenhum terá condições para governar isoladamente. De todo jeito, o número de partidos representados no Congresso brasileiro parece excessivo mas, dependendo do modo como as cadeiras se distribuem no Legislativo federal, esse fato pode não se transformar num problema grave.

Por exemplo: quando das eleições de 1986 para a Constituinte, onze partidos conseguiram representação na Câmara de Deputados. Nessa altura, embora o número parecesse muito elevado, em termos da governabilidade do sistema, não havia problema porque o PMDB, sozinho, tinha 53% dos lugares. O PFL, segundo grande partido, tinha 24%. O terceiro partido, em ordem de grandeza, era o PDS, com apenas 7% dos lugares. Percebe-se que embora o número de partidos fosse elevado, dois partidos (PMDB e PFL) tinham cerca de dois terços das cadeiras. Ocorre que, logo depois, em razão de cisões e de conflitos internos, o número de partidos subiu para 21 no final da legislatura. O PMDB, bastante enfraquecido com a ida de muitos de seus deputados para o recém-criado PSDB, caiu para 27% do total, enquanto o PFL baixou para 18%. Aí, a governabilidade do sistema começou a correr riscos. Nas eleições de 1990 para a Câmara Federal, a situação complicou-se mais ainda em razão do aumento do que se poderia denominar de partidos médios e pequenos, quero dizer, dos partidos que têm entre 31 e 80 deputados e de 10 a 30, respectivamente. A partir desses critérios, relativamente arbitrários, o número de partidos médios passou de um para quatro, e o de partidos pequenos, de três para quatro. Nesse momento, a governabilidade do sistema tornou-se mais difícil. Tudo indica que uma reforma partidária torna-se necessária.

Mas, para esfriar o entusiasmo reformista, é bom lembrar que vivemos passando por reformas partidárias. Os militares haviam estabelecido dois partidos. Foram depois obrigados, para atender às pressões que vinham da classe política, a permitir as sublegendas. Depois, numa espécie de pluripartidarismo limitado, foram admitidos cinco partidos e, finalmente, com o retorno do país à ordem democrática, tivemos um multipartidarismo ilimitado. Fica muito claro que não sabemos fazer reformas adequadas, destinadas a durar algum tempo. Por isso, vivemos a mudar tudo o que pode ser mudado por decreto, na crença de que, através de alguma mágica de engenharia institucional, mudaremos as características e as práticas mais habituais de nossa vida política. M. Crozier entende que não se pode mudar a sociedade por decreto. Nós achamos a contrário. Agora, fala-se em tentar limitar o direito de representação parlamentar dos partidos que não conseguirem certa porcentagem de votos num número deter-

minado de Estado. Sacrificar-se-ia, deste modo, a representatividade pela governabilidade. O lado negativo de uma tal mudança (se ela de fato vier a ocorrer), vem do fato de que os pequenos partidos, que habitualmente (mas nem sempre) expressam as tendências mais radicais, de direita ou de esquerda, ficarem sem representação no Parlamento equivalente à proporção de votos que obtiverem. Se fosse estabelecido, por exemplo, uma quota mínima de 5% de votos na maioria dos Estados brasileiros, os dois partidos comunistas (o PC do B e o atual PPS) ficariam sem representação no Congresso. Não acho isso bom. Por um lado, o sistema político ficaria menos representativo enquanto, por outro lado, esses partidos, assim como outros na mesma situação, seriam estimulados a desenvolver uma atuação anti-sistema. Mais adequado, parece-me, seria diminuir os incentivos para a formação de pequenos partidos, diminuindo as vantagens concedidas às lideranças partidárias no Congresso, acabando com o “horário gratuito” na TV etc. Mas isso provavelmente não acontecerá porque a maioria da fração parlamentar da classe política tem interesse na manutenção dessas vantagens. O horário “gratuito”, por exemplo, é defendido como uma conquista democrática embora seja uma criação da ditadura militar.

Todo esse papo destina-se a dizer que, conforme a distribuição das forças no Congresso, uma excessiva fragmentação partidária que afete a governabilidade do sistema pode ser um fator negativo com presidencialismo ou com parlamentarismo. No caso do parlamentarismo, é possível que as conseqüências sejam mais graves. Mas, já que falamos em reforma, parece-me mais urgente uma reforma eleitoral de modo a se introduzir efetivamente a proporcionalidade na representação e pôr um fim na discriminação que existe com relação aos Estados mais populosos do Sudeste.

JU — Qual o verdadeiro papel do governo de transição do presidente Itamar Franco? O que pode ele fazer em 28 meses?

Leôncio — Bem, não se trata exatamente de um governo de transição. Transição para onde? Para o parlamentarismo? Nada está ainda decidido. Mas, de qualquer modo, há a questão da responsabilidade de uma equipe que assume o governo numa situação de crise e que necessita desesperadamente criar uma base de apoio no Congresso. Idealmente, seria de se desejar que, daqui até as próximas eleições, o governo Itamar tratasse de preparar as bases para uma retomada do desenvolvimento econômico para o próximo governo. Mas, na prática, a questão é mais complicada. Há um primeiro problema que consiste em garantir o afastamento definitivo de Collor. Até que o impeachment seja votado pelo Senado, provavelmente teremos um cenário de união nacional, no qual Itamar terá até mesmo o apoio do PT. Votado o impeachment, tudo se complicará na medida em que nos aproximarmos da campanha presidencial. É difícil, no momento, prever-se o que acontecerá.

JU — Em sua opinião, qual foi exatamente o papel dos meios de comunicação no processo de afastamento do presidente? Sem a atuação da imprensa os políticos teriam aprovado, na Câmara, o início do processo de impeachment?

Leôncio — Numa situação de democracia de massas, os meios de comunicação sempre têm um papel de grande importância na vida política. No caso do impeachment de Collor, os meios de comunicação, especialmente a imprensa, foram importantes não apenas em termos da divulgação das notícias como também na obtenção de informações sobre a máquina de corrupção. Impossível deixar de mencionar o impacto da entrevista da revista *Isto É* com o motorista Francisco Eriberto França. Esta entrevista, na realidade, foi que mostrou à CPI o caminho da mina, quer dizer, quem pagava as

contas da Casa da Dinda. A matéria da *Veja*, por outro lado, mostrando os jardins do presidente, teve outro impacto. A mesma coisa se pode dizer da atuação da *Folha de S. Paulo*, do *Estadão* etc. Quando a Rede Globo resolveu noticiar as manifestações pelo impeachment, o destino de Collor estava traçado. Por tudo isso, pode-se dizer que Collor foi derrubado pelos meios de comunicação de massas. Sem eles, é bastante provável que o esquema PC e PP não fossem revelados ou que, se o fossem, não tivessem maior impacto sobre a opinião pública.

JU — O presidente em exercício assumiu o comando da Nação afirmando que é preciso olhar para as favelas brasileiras e não apenas para Nova York. Sabidamente um país de contraste, o Brasil pode voltar a crescer deixando de cumprir sua imensa dívida social?

Leôncio — É difícil agora um prognóstico sobre a orientação mais geral do governo Itamar. Eu creio que o programa de abertura de mercado e de privatização deverá continuar, talvez num ritmo menos intenso. Não se trata de mera opção ideológica mas de uma necessidade imposta pela falência do Estado e pela reestruturação geral da economia. Notemos que, em outros países, governos que ganharam eleições com uma proposta contrária à dos projetos néo-liberais mudaram sua orientação depois das eleições: Menem na Argentina; Salina no México, Felipe Gonzales na Espanha são exemplos nessa direção. Quanto à questão da dívida social e o crescimento econômico, penso que a relação é a inversa: sem dar prioridade ao crescimento econômico não haverá solução para a pobreza brasileira, pois não haverá o que distribuir. Apenas a retomada do crescimento econômico, acompanhada da elevação do nível de emprego, já significaria uma melhora para as classes trabalhadoras. Uma política redistributivista sem crescimento econômico é difícil de ser aplicada. Ocorre que não é nada fácil “tirar dos ricos” para dar aos mais pobres. Aliás, mesmo que se expropriasse totalmente os mais ricos, os pobres continuariam pobres, talvez ainda mais pobres porque uma política de redução da renda das camadas mais ricas teria conseqüências negativas sobre a economia (fuga de capitais e de pessoal qualificado, aprofundamento da crise econômica etc) e sobre o sistema político (aguçamento dos conflitos, tentativas de golpe etc). Nessa hipótese — muito pouco provável sob um regime democrático e capitalista — os segmentos das classes médias, notadamente da burocracia pública, é que seriam os maiores beneficiados com a expropriação dos mais ricos. Os investimentos destinados a reduzir os níveis de pobreza, embora imprescindíveis, servem apenas de paliativo para evitar explosões sociais mais graves. Mas, se examinarmos o problema sem demagogia, percebemos que não há recursos para a eliminação da miséria no país sem a retomada do crescimento econômico. Ainda assim, se tudo correr bem na área econômica, nesse século não teremos uma redistribuição mais significativa da renda nacional nem tampouco uma elevação do salário mínimo. Por isso, penso que se deveria dar mais atenção a investimentos sociais que ao mesmo tempo têm efeitos positivos para o crescimento econômico e que dão condições para que os pobres possam tentar melhorar sua situação sem o paternalismo estatal (que geralmente serve mais à burocracia do que aos pobres). Nesse sentido, os investimentos na educação elementar deveriam merecer especial atenção.

JU — Que lições podemos tirar do atual momento histórico?

Leôncio — Não tenho muita certeza mas, possivelmente, uma lição seria de que, daqui para diante, a sociedade civil estará mais atenta para o comportamento da classe política e será menos tolerante para com a corrupção. (G.C.)



Carne nacional tem menos colesterol

Aves, suínos, bovinos e ovos foram objeto de análise na FEA.

O corre-corre da vida moderna provoca grande mal à saúde do homem que vive nas grandes cidades. A escassez de tempo, aliado à falta de educação alimentar, gera o hábito pouco saudável de passar o dia à base de *fast food* e de ingerir grande quantidade de gordura animal, desprezando quase por completo alimentos como frutas, legumes e verduras. Estudos recentes realizados por universidades norte-americanas ratificam dados pouco animadores: índices muito elevados de colesterol no sangue aumentam em três vezes as chances de um ataque cardíaco, a principal causa de morte natural registrada nos países ocidentais.

Em função disso, médicos e nutricionistas se empenham em orientar dietas que minimizem a ação do colesterol no organismo. Entretanto a ação desses profissionais esbarra num problema: a tabela que especifica o teor de colesterol nos alimentos. Os índices atualmente adotados no Brasil são baseados em estudos norte-americanos. Considerando que os animais (aves, suínos e bovinos) criados nos Estados Unidos não têm necessariamente a mesma alimentação do rebanho nacional, não é de todo estranho supor que o teor de gordura desses animais apresente variações.

Foi com essa idéia que a química Neura Bragagnolo desenvolveu na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp o trabalho de pós-graduação intitulado "Determinação dos teores de colesterol em carnes, ovos e massas com ovos" e que lhe rendeu em fevereiro deste ano o título de mestre em ciência de alimentos. "Existem inúmeros trabalhos estrangeiros, porém era necessário um estudo que nos permitisse a elaboração de uma tabela com valores nacionais", avalia Neura.

Concluída a pesquisa, que teve a orientação da professora Délia Rodriguez Amaya, Neura chegou a duas importantes constatações: o índice de colesterol nas carnes e nos ovos brasileiros é quase sempre inferior aos teores apresentados por itens similares no exterior (ver tabela 2); e o teor de colesterol encontrado nas carnes vermelhas, ao contrário do que rezam todos os estudos até então conhecidos, é inferior ao das carnes brancas. Com relação à segunda constatação, Neura ressalva que esses dados preliminares ainda não são suficientes para determinar mudança no hábito alimentar dos indivíduos que apresentam alto teor de colesterol no sangue. "O colesterol no organismo não depende apenas do teor dessa substância nos alimentos, mas também do balanço de ácidos graxos saturados e insaturados", diz. Exatamente sobre essa questão é que a pós-graduanda desenvolve agora seu trabalho de doutorado.



Neura: atenta à necessidade de uma tabela nacional.

A metodologia — Para realizar a pesquisa, Neura colheu amostras de aves, bovinos, suínos e ovos em diferentes açougues e supermercados de Campinas. As amostras de carne foram analisadas pelo método colorimétrico, que envolve a reação de colesterol com ácido acético saturado com sulfato ferroso e ácido sulfúrico. A escolha desta metodologia foi baseada num trabalho comparativo entre este método e a cromatografia gasosa que demonstraram não haver diferença significativa nos teores de colesterol para amostras de carne bovina e suína. As amostras de ovos foram feitas por cromatografia líquida de alta eficiência, método mais exato e preciso, porém de alto custo.

Foram analisadas amostras de diferentes marcas de frango cru e assado. Cada amostra foi separada em carne branca, escura e pele. Ratificando resultados de estudos anteriores, a pele é a parte do frango que apresenta o maior teor de colesterol: 104 miligramas para cada 100 gramas de pele crua e 139 mg para cada 100 gramas de pele assada (ver tabela 1). A carne branca, ao contrário, é a que apresenta menor teor de colesterol: 58 mg/100g (crua) e 75 mg/100g (assada). Segundo Neura, o aumento do teor de gordura da carne crua para a assada indica que ao passar pelo processo de cozimento o produto elimina significativa quantidade de água provocando concentração do colesterol. Todos os va-

lores constatados por Neura — inclusive os referentes a bovinos, suínos e ovos — são inferiores aos índices existentes em estudos sobre produtos estrangeiros.

Para analisar a carne suína, Neura reuniu amostras cruas e assadas de bisteca, lombinho, pernil e toucinho. Dos quatro cortes, a bisteca assada foi a que apresentou maior teor de colesterol: 97 mg/100g. Todas as amostras cruas apresentaram teores de colesterol não muito diferentes: variaram de 49 mg/100g (bisteca e lombinho) a 54 mg/100mg (toucinho).

A carne bovina foi analisada em cinco cortes diferentes: contrafilé, coxão duro, coxão mole, músculo e peito. Os valores das amostras cruas apresentaram pequena variação: 50 mg/100g (coxão mole) a 56 mg/100g (coxão duro). Somente dois cortes assados foram analisados: contrafilé (66 mg/100g) e músculo (67 mg/100g).

De todas as amostras utilizadas durante a pesquisa, o ovo foi o alimento que apresentou maior discrepância com os resultados encontrados na tabela de Guilherme Franco — a principal referência de composição de alimentos no Brasil, com teores de colesterol, que se baseia, porém, em dados estrangeiros. Enquanto os valores estabelecidos nesta tabela indicam que o teor médio de colesterol obtido para cada ovo é de 463 miligramas, a pesquisa realizada na FEA reduz esses índices a menos da metade. Nas 20 amostras de ovos

(divididas igualmente em casca branca e vermelha) analisadas por Neura, o teor médio de colesterol foi 190 miligramas por ovo. Guardadas as proporções, resultado semelhante foi obtido com ovos de codorna.

Os cuidados — Em 1988 o *National Cholesterol Education Program* (NCEP) publicou um guia oficial para identificação e monitoramento de altos níveis de colesterol no sangue. O NCEP recomenda que o indivíduo, ao atingir 20 anos, faça o exame que determine a dosagem de colesterol no sangue. Pessoas examinadas com nível inferior a 200 mg/dl não precisam fazer novo teste num prazo de cinco anos. O programa considera pacientes de alto risco aqueles que apresentam níveis entre 200 a 239 mg/dl. Acima de 240 mg/dl são considerados indivíduos que integram grupo acima do limite de alto risco. Mesmo que não sejam portadoras de doença cardíaca coronária definida, essas pessoas devem se submeter a uma dieta alimentar e dosagem anual do colesterol. O cuidado deve ser ainda maior quando o indivíduo é do sexo masculino, fumante, hipertenso, obeso, diabético e que apresente no histórico familiar doença cardíaca coronária. Aos pacientes inseridos no grupo de alto risco, recomenda-se dieta que limite a ingestão de colesterol para menos de 300 miligramas ao dia. (A.C.)

Tabela 1

Teores de colesterol (mg/100g) em alimentos

Alimento	Cru	Cozido
Carne de frango		
Carne branca	58	75
Carne escura	80	124
Pele	104	139
Carne suína		
Bisteca	49	97
Lombinho	49	69
Pernil	50	82
Toucinho	54	56
Carne bovina		
Contrafilé	51	66
Coxão duro	56	
Coxão mole	50	
Músculo	52	67
Peito	51	
Ovos		
	Mg/ovo	Mg/100g
Ovo tipo extra	190	1.000
Ovo pequeno	136	924
Ovo de codorna	33	1.019

Tabela 2

Teores de colesterol (mg/100g) em alimentos crus

	Resultados da FEA	Tabela de Franco *
Carne de frango		
Carne branca	58	98
Carne escura	80	145
Pele	104	180
Carne Suína		
Toucinho	49	102
Toucinho	54	103
Carne bovina		
Ovos mg/ovo	190	463

*Tabela de Composição Química dos Alimentos" (Editora Atheneu - 1992). Livro de Guilherme Franco - baseado em dados estrangeiros.

SE VOCÊ NÃO
APRENDE
FRANCÊS
POR FALTA DE
TEMPO

SUA DESCULPA ACABOU.

Curso super intensivo de férias
Aliança Francesa.

Do dia 25 de janeiro à 18 de fevereiro
você aprende o equivalente a
um semestre.

Ligue já e reserve sua vaga, ou arrume
outra desculpa, pois tempo é o que
não vai faltar nestas férias.

AF
Alliance Française

Fones: (0192) 31-4090 e 32-6247

CAPRIOLI
Turismo

VENHA
CONHECER

NOSSA NOVA AGÊNCIA
DENTRO DA UNICAMP!

- Passagens aéreas Nac. e Intern.
- Excursões aéreas e rodoviárias.
- Reserva de hotéis no Brasil e exterior.
- Documentação para viagens (vistos, passaportes)
- Cursos no exterior.
- Eurailpass
- Carteira de albergue e carteira de estudante intern.
- Fretamentos
- Playcenter e The waves
- Câmbio turismo

CONFIRA NOSSOS
PREÇOS
PROMOCIONAIS!

PRÉDIO ANEXO À BIBLIOTECA CENTRAL - F: 39-7683 ou r: 7683

Sociólogo ocupa cátedra em Oxford

**Laymert Garcia
ficará um ano
falando aos ingleses
sobre o Brasil.**

Os historiadores brasileiros contemporâneos, Sérgio Buarque de Holanda foi quem mais estudou e explorou a relação do homem com o meio ambiente e o uso que ele faz da técnica. A preocupação com essas questões ficou evidente a partir do livro *Raízes do Brasil* (1936). Este e outros assuntos relacionados com a contemporaneidade brasileira estão sendo apresentados desde o mês passado na Inglaterra, através de um ciclo de seminários na cátedra "Sérgio Buarque de Holanda", que a Unicamp mantém junto à Universidade de Oxford.

O responsável pelo ciclo é o sociólogo Laymert Garcia dos Santos, que está falando aos ingleses sobre o tema "Tecnologia, natureza e redescoberta do Brasil". Ele é o terceiro professor da Unicamp a integrar o programa que, desde 1988, envolve uma das mais jovens universidades brasileiras — a Unicamp — e, do alto de seus sete séculos, uma das mais tradicionais instituições universitárias européias.

Os teóricos afirmam — e os tecnocratas tentam perseguir esse objetivo — que o desenvolvimento do Brasil sempre pressupôs um salto tecnológico para chegar à equiparação com o Primeiro Mundo, como lembra Laymert. No entanto, enfatiza ele que apesar do atraso crônico que o país carrega, tem o contrapeso de uma riqueza incomum: o "estoque" de biodiversidade. São recursos de vida animal e vegetal que podem ser explorados pela biotecnologia, sendo de importância capital para a indústria do futuro. "Por isso é interessante conhecer como a biodiversidade pode nos favorecer, em contraponto



Laymert: salto tecnológico conjugado à preservação da biodiversidade.

com o atraso tecnológico", pondera Laymert.

Três correntes — Para valorizar a riqueza natural, diz o pesquisador, é preciso conhecer o pensamento tecnológico que não compreende apenas a *high tech*, mas também o conhecimento ocidental civilizado, o da própria natureza e aqueles de culturas tradicionais como a indígena — cujos povos ocupam justamente as regiões onde a biodiversidade é bem preservada. "Estamos acostumados a considerar o conhecimento dos índios como algo arcaico, atrasado", pondera Laymert, "mas se observarmos que na região por eles ocupada a biodiversidade é produzida pela natureza, sem algo que a destrua, temos então algo primitivo e tradicional que pode entrar numa relação nova com a alta tecnologia. É uma aliança com o contemporâneo, a natureza e o tradicional". O esforço expositivo que Laymert vem fazendo em Oxford persegue exatamente o encontro dessas três correntes.

A proposta de Laymert é conceber o desenvolvimento tecnológico com a preservação, sem pretender esse movimento como algo originário da ecologia, "que não é a minha área", enfatiza. "Faço um questionamento da concepção da tecnologia como dominação da natureza, pois acredito que é preciso mudar essa mentalidade", justifica. Em sua opinião, já existe uma consciência caminhando neste sentido, em virtude das exigências ambientais — fenômeno este que está crescendo em virtude da própria preservação do planeta.

Feeling britânico — A tecnologia e a preservação ambiental enfocadas no trabalho de Laymert têm diante de si um outro aspecto. Os ingleses, diz o pesquisador, são sensíveis a essas questões e mantêm no Brasil projetos ligados à preservação de florestas, por exemplo, através da Fundação Gaia. Além disso, "no âmbito político, até mesmo o príncipe Charles é um interessado na causa ecológica, na manutenção da biodiversidade e na preservação dos povos

indígenas do Brasil", explica o sociólogo. Essa postura vem ao encontro do próprio objetivo da cátedra anexa ao *Latin American Centre*, departamento do *Saint Antony's College*, de onde são norteadas algumas pesquisas sobre o Brasil.

A Unicamp é a primeira instituição de ensino latino-americano a estabelecer um projeto semelhante. Através da instituição inglesa, os cursos de pós-graduação são substituídos por seminários, com uma programação da qual participam todos os membros do *college* como os alunos da pós-graduação e os professores, sendo que no corpo docente se encontra o pesquisador visitante da Unicamp. Laymert permanece na Inglaterra até julho do próximo ano.

Além dos seminários com enfoque sobre tecnologia e natureza, paralelamente Laymert irá desenvolver o seu trabalho de pós-doutoramento, justamente sobre as possibilidades da preservação ambiental. Graduado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com mestrado em sociologia das sociedades industriais na França, pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, Laymert é doutor em ciências da informação pela Universidade de Paris VII.

Antecessores — Vinculado à Unicamp desde 1980, como docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, da Faculdade de Educação (FE), Laymert sucede em Oxford a dois outros pesquisadores da Unicamp que participaram desse trabalho de cooperação com Oxford. Estreou a cadeira "Sérgio Buarque de Holanda", em meados de 1989, o professor André Villalobos, titular de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). No ano seguinte, a cadeira foi ocupada pelo pesquisador Tamas Jozsef Szmrecsanyi, professor do Instituto de Geociências (IG). (C.P.)

Graduação faz intercâmbio de alunos

**Ano passado,
Unicamp recebeu
29 estudantes e
embarcou 23.**

Estudar no exterior é um sonho acalentado por muitos. Na graduação, no entanto, as dificuldades são inúmeras, face ao alto custo do empreendimento. Normalmente, as agências de fomento à pesquisa investem em cursos de pós-graduação. Existem, porém, algumas entidades internacionais que promovem estágios de dois a quatro meses para alunos recém graduados ou cursando áreas técnicas como engenharia, agronomia, arquitetura, física, química, biologia, informática. Esse é o caso da International Association for the Exchange of Students for Technical Experience — Iaeeste. Nos últimos dez anos, cerca de 1.500 estudantes brasileiros participaram desse programa em diferentes países.

Estagiar num laboratório de uma universidade estrangeira ou de empresas públicas e privadas representa uma experiência acadêmica e cultural de grande valor para o jovem graduando. Além disso, seu novo currículo o diferencia dos demais formando da área na competição por um lugar no disputado mercado de trabalho. Reconhecendo a importância desses estágios, a Unicamp, através do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), em contato permanente com a Central de Intercâmbio Brasileira do Iaeeste, recebe e envia, anualmente, em média, cerca de 30 estudantes na faixa etária entre 19 a 24 anos.

No ano passado, de acordo com a coordenadora do SAE, professora Inês Joekes, a Unicamp recebeu 29 estudantes estrangeiros e enviou 23 para países como França, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Noruega, Polônia, Espanha, Suécia, Iugoslávia e Jamaica. Para facilitar a estadia dos estudantes estrangeiros na Universidade, o SAE oferece toda a infraestrutura disponível na Universidade.

Surpresa — Quem vem de um dos mais cobicados países do Primeiro Mundo para fazer estágios, como é o caso do alemão Udo Lange, 25 anos, quintanista de engenharia da Universidade de Kaiserlaustern, não poderia imaginar que encontraria numa universidade brasileira laboratórios que, segundo ele, chegam a ser melhor equipados que os de sua ins-



Alicia: iniciação científica em Israel.

tuição. Lange ficou surpreso com o nível dos equipamentos encontrados.

Estagiando por dois meses — agosto e setembro — no laboratório do Departamento de Sistemas de Energia Elétrica da Faculdade de Engenharia da Unicamp, sob a supervisão do professor Ariovaldo Garcia, Lange levará do Brasil uma imagem melhor do que a que tinha antes de vir para cá. Segundo ele, a comida do restaurante universitário é semelhante à servida em sua instituição. As salas de aula, com cerca de 40 alunos em média, contra os 250 a 350 da sua universidade, impressionou o estudante. O campus da Unicamp, com seu amplo espaço arborizado, também o encantou.

Durante o tempo em que aqui permaneceu, Lange aprendeu a usar um software gráfico sobre o qual elaborou uma descrição detalhada de seu funcionamento. A única coisa que o desapontou foi a escassa oferta de jornais e revistas de atualidades em inglês. Depois de concluir o estágio acadêmico, programou uma viagem turística de três semanas, passando pela Bahia, Minas Gerais, Pantanal matogrossense e Santa Catarina. Lange achou o Brasil muito "quente" e faz questão de desmentir que em seu país toma-se cerveja sem gelo, como os brasileiros costumam falar. "É fria como aqui", garante.

César Augusto Vermiglio Bonamigo, 23 anos, que cursa o quinto ano de engenharia, fez



César (Brasil) e Lange (Alemanha): importante troca de informações.

um estágio de três meses na Universidade de Kassel, também na Alemanha, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro últimos. Acredita que essa é uma oportunidade única para se conhecer outros países e seus costumes. Profissionalmente, considera o ganho "excepcional".

Ter aprendido alemão no Centro de Estudos de Línguas (CEL) da Unicamp ajudou César a melhor aproveitar o estágio que realizou no laboratório de automação industrial da universidade alemã, onde desenvolveu um projeto de identificação de parâmetros para injeção eletrônica em veículos automotivos. Como Lange, César acha que os laboratórios de automação industrial da Unicamp não ficam nada a dever aos da instituição em que estagiou. A experiência foi tão rica que César pretende participar, tão logo seja possível, de novo intercâmbio em outro país.

Prêmio Weismann — Embora os intercâmbios na graduação normalmente ocorram para alunos em fase de conclusão de seus cursos, esse não foi o caso de Alicia Juliana Kowaltowski, 18 anos, aluna do primeiro ano da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Durante o mês de julho último, Alicia estagiou em um dos principais centros mundiais de pesquisa na área biomédica, o Instituto Weismann, de Israel.

Alicia foi selecionada pela Fundação dos Amigos do Instituto Weismann, com mais três

estudantes brasileiros, entre os cem que obtiveram as melhores notas em ciências e inglês no último vestibular das universidades paulistas. Ela voltou muito entusiasmada com o período que passou em Israel. Sua iniciação em pesquisa, desenvolvida na Etecap (Escola Técnica de Campinas), onde cursou o segundo grau na área de biomédicas, e sua intimidade com a língua inglesa, contribuíram decisivamente para sua inclusão no restrito grupo de brasileiros contemplados com o estágio.

Junto com os demais 71 estudantes selecionados em 17 países, Alicia teve a oportunidade de estagiar num laboratório cuja infraestrutura, segundo ela, é dotada de equipamentos de primeira linha. Sob a orientação de monitores, desenvolveu dois experimentos, um deles sobre Síndrome de Down, assunto com o qual gostaria de continuar estagiando em algum programa da Unicamp.

No Weismann, Alicia constatou, que os estudantes brasileiros têm nível técnico semelhante ao dos provenientes de países do Primeiro Mundo. Manter contato com os novos amigos que fez lá fora é um dos objetivos de Alicia. Ela pensa, no futuro, fazer pós-graduação no exterior. Com a experiência que adquiriu nesse único mês em Israel, espera ingressar o mais cedo possível na carreira de pesquisadora. (G.C.)

Tese analisa ironia machadiana

**Escritor usava
"a pena da golhofa
e a tinta da
melancolia".**

"Tudo acaba, leitor; é um velho truísmo, a que se pode acrescentar que nem tudo o que dura dura muito tempo."

Quando Machado de Assis (1839-1908) começou a publicar seus primeiros escritos — em especial as crônicas, por volta de 1860 — certamente não poderia imaginar que já ensaiava os primeiros passos que iriam transformá-lo num escritor eterno, autor de algumas das maiores obras da literatura brasileira. Ao "ressuscitar" o defunto Brás Cubas para contar sua vida com muito cinismo e absoluta indiferença moral, Machado de Assis assinou um novo tempo para a literatura brasileira. Sepultou o romantismo maniqueísta e concebeu outro tipo de ser auto-indulgente e cultuador das exterioridades majestosas e fúteis da convivência social. Poeta, crítico, teatrólogo, jornalista e contista, Machado ainda hoje é o mais estudado escritor brasileiro — não apenas no Brasil mas também por especialistas estrangeiros. Entre eles, o crítico inglês John Gledson.

Em sua tese de mestrado, "Machado de Assis-Primeiras crônicas: o surgimento do grande ironista", a pedagoga Lúcia Granja — do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp — analisa a ironia e o humor cáustico e elegante que caracterizam o texto do escritor, autor de *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Lúcia concentra seu estudo em aproximadamente 100 das quase 600 crônicas que Machado escreveu ininterruptamente entre 1861 e 1897. O romancista carioca iniciou sua carreira em 1856, aos 17 anos, quando esporadicamente colaborava para a revista *Marmota Fluminense*, onde também

teve seu primeiro emprego fixo. Foi nessa mesma revista que publicou seu primeiro conto — "Três Tesouros Perdidos".

Novo herói — Em 1860 foi trabalhar como repórter no jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, redigindo matérias sobre os debates e bate-bocas que ocorriam no Senado. Esses textos, no entanto, não levavam a sua assinatura. Somente no ano seguinte é que se tornou cronista efetivo do jornal. De acordo com a pesquisadora, já se podia perceber nessas crônicas um forte espírito crítico em relação à política, e os comentários dos fatos eram feitos de forma quase sempre irônica, às vezes mordaz. Já era notória a sua genialidade, que iria se manifestar com maior intensidade na ficção madura do romancista a partir de *Brás Cubas*, através do qual surgia um tipo de herói diferente, divorciado dos caminhos ditados por Rousseau, por exemplo, que enaltecia o homem.

Embora a ironia e o sarcasmo estivessem presentes também no romance e no conto, foi em suas primeiras crônicas que Machado destilou seu veneno com mais intensidade, mas com muito humor e sem perder a elegância. Ainda que escrevesse "com a pena da golhofa e a tinta da melancolia" — como ele próprio diz no *Brás Cubas* —, é curioso notar, segundo Lúcia, que por mais sérios, banais ou fúteis que fossem os temas abordados em suas crônicas, Machado de Assis não deixava de tratá-los de maneira profunda, explorando literariamente as personagens da vida real. E não abria mão de narrá-los num tom sarcástico, beirando a picardia. Para a pesquisadora, a ironia de Machado de Assis fere. O humor de sua crônica fundamenta-se na relação que mantém com o leitor. A crônica de Machado de Assis exige que o leitor seja esperto para perceber a análise dos fatos que está escondida nas pilhérias do narrador. A ironia aguda de Machado coincide com sua visão crítica da sociedade da época, com seus desajustes e festividades. O romancista, conforme observa a pesquisadora, diverte mas ao mesmo tempo machuca. "Seus textos funcionam como uma esgrima, na medida



Lúcia: análise da ironia e do humor cáustico e elegante de Machado de Assis.

em que ferem a auto-estima do leitor. E na medida em que este se abaixa, o narrador se supera mais uma vez," diz.

Diplomacia — A fundamentação teórica da ironia machadiana está ligada a modelos clássicos, principalmente o aristotélico, que permeia boa parte da literatura ocidental moderna a partir do Renascimento. Depois do século 18, a ironia, "essa forma reduzida do riso", como chamou Bakhtin, passou a incorporar-se à literatura como componente estilístico dos gêneros sérios, conforme se pode observar através das obras de grandes ironistas como Molière, Voltaire e Swift, entre outros.

Em Machado de Assis, tudo remonta à clássica divisão aristotélica entre o "melhor" e o "pior", assun-

tos da comédia e da tragédia, respectivamente. "A tinta da melancolia", como diz Machado, refere-se à desencantada visão que tinha da sociedade que descrevia. Com frequência, as crônicas dos anos 60 versavam sobre os conflitos existentes entre o Brasil e Uruguai, a guerra do Paraguai e também o fim da questão Christie, em 1865, que culminou com o rompimento diplomático entre o Brasil e o Império Britânico.

Em crônica de 24 de janeiro de 1865, ironizou violentamente a hipocrisia das conversas diplomáticas — "a diplomacia é a arte de gastar palavras, perder tempo, estragar papel por meios de discussões inúteis" — e a solução dos conflitos externos através da luta armada.

Além de escarnecer da sociedade, a pesquisadora observa que Macha-

do estendia esse sentimento a seu leitor, "porque justamente o narrador queria marcar posição distanciada entre si e o público leitor que, afinal de contas, fazia parte daquela sociedade em que o escritor enxergava deslocamentos". Particularidade observada na maioria dos textos é que Machado, segundo Lúcia, não oferece ao leitor, de forma clara, as suas idéias, mas propõe que desvende os enigmas que constrói através da ironia para apanhar o sentido de sua posição crítica. "Talvez por criar personagens acrônicas e atópicas e pela genial percepção que tinha da sociedade é que Machado de Assis construiu uma literatura brasileira perene e com dimensões universais", diz Lúcia. (A.R.F.)

Vilma Arêas firma-se como contista

**Crítica elogia
novo livro
da professora
do IEL.**

Seus contos são narrativas curtas, enxutas e normalmente cheias de tensão. Como matéria-prima para a elaboração de suas histórias, utiliza-se de sonhos, cenas de memória e notícias de jornais que abordam a violência, a solidão, a fome — e a subjetividade do indivíduo urbano. Assim é o mais recente trabalho literário de Vilma Arêas, professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, que acaba de lançar pela Editora Brasiliense o seu quinto livro — *A Terceira Perna*. O título, que desperta um certo travo cômico por lembrar o objeto fálico segundo a visão popular, foi tirado do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956). "Quem ler as Histórias do Sr. Keuner, onde o conto está, descobre o verdadeiro sentido da terceira perna", explica, divertida, a escritora.

Professora de literatura na Unicamp há oito anos, Vilma Arêas é autora de *Partidas*, *Na Tapera de Santa Cruz*, *Aos trancos e Relâmpagos* (prêmio Jabuti na categoria novela de 1988) e do ensaio *Iniciação à Comédia*. Esse novo trabalho reúne 24 textos — uns produzidos há seis meses, outros há mais de dez anos —, através dos quais, segundo observações do crítico Paulo Amador, "a autora pretende narrar o inenarrável".

Vilma não é positivamente uma escritora de fim de semana. Toda manhã procura encontrar um espa-

ço em meio as atividades que desenvolve no IEL para trabalhar num novo texto. Seu trabalho, confessa, leva tempo. Primeiro porque seus textos seguem um ritmo lento, sinuoso, "com as idéias germinando e tomando formas no papel"; segundo porque ela tem obsessão quanto ao acabamento final, chegando a burilar cada texto por diversas vezes até sentir que a narrativa atingiu a dimensão desejada. "Costumo deixá-los muito tempo de molho para ver se prestam. Depois, retomo. Tenho mania de anotar frases soltas, idéias que surgem de repente. Às vezes levo meses, às vezes anos para concluí-los. Outros saem de chofre, como é o caso do conto Seda pura, idealizado enquanto assistia a uma defesa de tese".

Se a Unicamp é pródiga em ensaístas, não são muitos os ficcionistas disponíveis na Universidade. O que não representa nenhum demérito, mesmo porque não é um fenômeno exclusivo da Unicamp. Para Vilma isso se dá por uma simples razão: "A Universidade absorve muito intelectualmente os professores, que são ensaístas por profissão, e não lhes possibilita partir com mais afinco e devotamento para a ficção".

Suas histórias, conforme o crítico Luiz Dantas, saem da paisagem "que se avista das janelas, das páginas triviais do jornal ou das que a vida nos obriga a aceitar como pão de cada dia". Quanto a *A Terceira Perna*, independentemente da repercussão junto à crítica — que até então só lhe teceu comentários elogiosos — a própria autora admite que nem todos os contos são de fácil compreensão. Mas há também contos bastante acessíveis, como "Projeto Rondon" e "O rosto do herói".

Pela manhã — Dividido em três partes, o livro envereda por temas e figuras bastante curiosas e, de certa



Vilma: literatura que se vale de sonhos, cenas da memória e notícias de jornais.

forma, com uma pitada de bom humor. Na primeira parte destaca-se o caso de zoofilia — "Estudo a porta seca" —, no qual uma galinha grávida, violentada, é transformada em galinha-objeto. Em "Sobre os espelhos" percebe-se um toque de originalidade, onde a personagem Clarice é mulher com cheiro de pedra de seca, fatalista ao reconhecer que "destino de peito é cair".

A segunda parte abre-se com "Os ratos", que leva a uma lembrança de Cortázar — seus "cronópios" e "famas" —, num texto quase escrito em

inossignos poéticos, em lugar das orações plenas das narrativas ficcionais, segundo Paulo Amador. Em "A quadilha", faz uma digressão acadêmica ao afirmar que "o raciocínio não pode ser reduzido a cadeias silogísticas e precisa de sua mitologia noturna" ou ao dizer que "o ponto de partida como drama arquetípico" é uma inevitável "abordagem antropológica". Na terceira parte, destacam-se "Sobrenatural", em que desenvolve nova intertextualização, desta vez com o poeta Mário Quintana, e "Boi boiada", no qual há um clima próprio das

histórias de Guimarães Rosa. Destaca-se ainda "Crayon e grafite", onde, num texto mais intimista, apreendem a cidade de São Paulo e o apocalipse de hoje: Aids, miséria urbana e cocaína.

A escritora admite, em alguns contos, certo parentesco com o estilo do contista paraense Dalton Trevisan. "Tento aprender com ele mas não consigo aquela precisão de tiro à queima-roupa. Considero Dalton Trevisan um dos maiores escritores de nossa literatura", diz. (A.R.F.)

Encontros

Parlamentarismo e presidencialismo — O Departamento de Ciências Políticas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) promove no próximo dia 10 o "1º Simpósio de ciência política: parlamentarismo e presidencialismo". O evento acontecerá no auditório do IFCH e contará com a participação de especialistas de outras instituições superiores. Serão debatidos a representação política, o processo decisório e democracia, e o Brasil atual. Informações pelo telefone 39-7361.

Guerra e paz — No próximo dia 13 acontece a última palestra do ciclo "História recente do oriente remoto", a ser proferida pelo diplomata Amaury Porto de Oliveira, da Universidade de São Paulo. Será a partir das 10 horas, no Instituto de Geociências (IG), promotor do evento através do Departamento de Política Científica e Tecnológica. O tema da última palestra será "Guerra ou paz no século 21?".

Cursos

Colo-proctologia — A Coordenadoria Científica do Centro Acadêmico Adolfo Lutz (CAAL) da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp organiza de 9 a 11 de novembro o "1º Curso anual de revisão em colo-proctologia". Ministrado pelos professores Marco Antonio Peres, Cláudio Coy, Juvenal Ricardo Góes, Raul Medeiros, Carlos Amaral e João Fagundes, o curso tem a orientação do Serviço de colo-proctologia da Disciplina de Moléstias do Aparelho Digestivo da FCM-Unicamp. As aulas serão ministradas sempre a partir das 19 horas, no anfiteatro do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. As inscrições podem ser feitas na Secretaria do Centro Acadêmico Adolfo Lutz (CAAL). Outras informações pelo telefone (0192) 39-1461.

Teses

Biologia

"Ecologia e comportamento de *Liolaemus lutzae* (sauria: tropiduriade) de uma área de restinga do sudeste do Brasil" (doutorado). Candidato: Carlos Frederico Duarte da Rocha. Orientador: professor Augusto Shynia Abe. Dia: 2 de outubro.

"Diferenciação morfométrica e evolução de espécies de *Neosilba* (Diptera: Lonchaeidae)" (mestrado). Candidata: Adalgisa Soares de Oliveira. Orientadora: professora Hebe Myrina Laghi de Souza. Dia: 5 de outubro.

"Fitossociologia da vegetação arbustivo-arbórea em quatro áreas de caatinga em Pernambuco" (doutorado). Candidata: Maria de Jesus Nogueira Rodal. Orientador: professor Fernando Roberto Martins. Dia: 6 de outubro.

"Estrutura da comunidade e alimentação dos peixes na Baía da Onça, uma lagoa do pantanal do Rio Aquidauana, MS" (mestrado). Candidato: Agostinho Carlos Catella. Orientador: professor Miguel Petreire Júnior. Dia: 6 de outubro.

"Metabolismo de 3H giberelinas durante a germinação de *dalbergia miscolobium bentham*" (mestrado). Candidata: Elzira Elizabeth Saviani. Orientador: professor Ladaslav Sodek. Dia: 7 de outubro.

"As idéias pré-mendelianas de herança e sua influência na teoria de evolução de Darwin" (doutorado). Candidata: Luzia Aurélio Castaneda. Orientador: professor Roberto de Andrade Martins. Dia: 5 de novembro.

Educação

"Processo de trabalho, sindicato e conhecimento do operário no contexto da reconversão produtiva: o caso AAU do Uruguai" (doutorado). Candidata: Júlia Escolástica Massera Garayalde. Orientador: professor Dermeval Saviani. Dia: 8 de outubro.

"Eugenia da disciplina — o discurso médico-pedagógico nos anos 20" (mestrado). Candidata: Vera Regina Beltrão Marques. Orientador: professor Sérgio França Adorno de Abreu. Dia: 14 de outubro.

"A formação do indivíduo e a objetivação do gênero (categorias iniciais de uma reflexão sobre o processo de formação do indivíduo numa

VIDA UNIVERSITÁRIA

Unicamp recebe acervo do antinazista Ostrower

O arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Unicamp, recebeu, no dia 5 de novembro, o acervo do historiador Heinz Ostrower, que faleceu em maio último, aos 78 anos. São cerca de 500 títulos de história, sociologia, filosofia, literatura, política, arqueologia e correspondências com Isaac Deutscher, um dos intelectuais mais importantes da história do marxismo. Deutscher era amigo pessoal de Ostrower e biógrafo principal de Trotsky e Stalin. Fitas com entrevistas e depoimentos também integram o acervo. A maior parte dos livros é em inglês e alemão.

O acervo foi doado oficialmente à Unicamp pela esposa do historiador, a artista plástica Fayga Ostrower e familiares, em cerimônia no auditório do IFCH. Segundo o diretor do arquivo, professor Cláudio Batalha, textos inéditos de Ostrower sobre a ascensão do nazismo e a revolução russa deverão ser publicados pela Editora da Unicamp. Heinz nasceu na Alemanha, onde foi preso durante três anos (1934-1937) em decorrência de suas posições antinazistas. Antes da eclosão da 2ª Guerra, emigrou para o Brasil, onde já vivia seu irmão.

Homenagem — Para comemorar a vinda do acervo — que foi doado à Universidade como uma homenagem de Fayga Ostrower à memória de seu marido —, a diretoria do Arquivo Edgard Leuenroth programou uma mesa-redonda sobre a atuação e vida do historiador recentemente falecido, intitulada "Heinz Ostrower, historiador e pensador coerente". A programação contou com a presença de Stefan Blass, que foi companheiro de Heinz na militância do Partido Comunista dissidente de oposição a Stalin, nos anos 30, na Alemanha, antes da ascensão do nazismo. Heinz era um marxista independente e durante muito tempo foi hostilizado pela esquerda stalinista.

Falaram ainda o editor da Editora Civilização Brasileira, Ênio Silveira, a psicanalista Maria Antônia Rocha e Silva, a historiadora Marly Vianna e a filha de Heinz, Anna Leonor de Carvalho, que trabalhou nos últimos anos com o pai no Centro de Estudos e Ação Comunitária em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Lá, o historiador desenvolveu, nos últimos 10 anos, um trabalho de apoio organizacional e de formação de líderes comunitários junto às associações de moradores de bairros nas áreas mais pobres da periferia do Rio. (G.C.)

perspectiva histórico-social" (doutorado). Candidato: Newton Duarte. Orientadora: professora Bety Antunes de Oliveira. Dia: 15 de outubro.

"Explorando a prática da avaliação em uma 5ª série do 1º grau" (mestrado). Candidata: Maria Stela Sobierajski. Orientador: professor Luiz Carlos de Freitas. Dia: 19 de outubro.

"O ensino de química para formar o cidadão: principais características e condições para sua implantação na escola secundária brasileira" (mestrado). Candidato: Wildson Luiz Pereira dos Santos. Orientadora: professora Roseli Pacheco Schnetzler. Dia: 19 de outubro.

"Sensos matemáticos: uma abordagem externalista da matemática" (doutorado). Candidato: Antonio Carlos Carrera de Souza. Orientador: professor Lafayette de Moraes. Dia: 21 de outubro.

Engenharia Agrícola

"Influência do formato da borda de corte no desempenho das ponteiros de escafificadores" (mestrado). Candidato: Antonio Lilles Tavares Machado. Orientador: professor Cheu-Shang Chang. Dia: 9 de outubro.

Engenharia Elétrica

"Escolha de estratégias ótimas para a evolução de nós de comutação" (mestrado). Candidato: Berilhes Borges Garcia. Orientador: professor Anilton Salles Garcia. Dia: 2 de outubro.

"Contribuição ao estudo da relação força-frequência no átrio esquerdo de rato" (mestrado). Candidato: José Luis Puglisi. Orientador: professor Eduardo Tavares Costa. Dia: 15 de outubro.

"Dimensionamento de lotes de múltiplos itens com restrição de capacidade" (mestrado). Candidata: Cintia Rigão Scrich. Orientador: professor Vinicius Amaral Armentano. Dia: 16 de outubro.

"Filtros adaptativos com resposta impulsiva

infinita: comparações e esquema de estabilização" (mestrado). Candidato: Yoichi Tsukamoto. Orientador: professor João Bosco Ribeiro do Val. Dia: 16 de outubro.

"Implementação de códigos de bloco para correção de erros em sistemas rádio digital 64 QAM" (mestrado). Candidata: Heloisa Peixoto de Barros Pimentel. Orientador: professor Walter da Cunha Borelli. Dia: 28 de outubro.

"Proposta para computação paralela e distribuída assíncrona de estruturas especiais de jogos dinâmicos" (doutorado). Candidato: José Tarcisio Costa Filho. Orientador: professor Celso Pascoli Bottura. Dia: 29 de outubro.

"Lambda — prolog — interpretador e unificação de ordem superior" (doutorado). Candidato: Artêmio Ludwig. Orientador: professor Wagner Caradori do Amaral. Dia: 30 de outubro.

Engenharia Mecânica

"Separação e caracterização de impurezas no quartzo natural — aplicação de métodos de lixiviação aquosa para extração de inclusões fluidas" (mestrado). Candidata: Maria Augusta Pasquali. Orientador: professor Antonio Celso Fonseca de Arruda. Dia: 13 de outubro.

"Metodologia para análise e otimização da confiabilidade, da manutenibilidade e da disponibilidade de um processo contínuo de produção" (mestrado). Candidato: Nicésio Ronan Cascone. Orientador: professor Carlos Amadeu Pallerosi. Dia: 20 de outubro.

"Aspectos metalúrgicos da usinabilidade do aço SAE 12L14 submetido a crescentes níveis de deformação a frio por trefilação" (mestrado). Candidato: Gilberto Sanches Gonzales. Orientador: professor Nivaldo Lemos Cupini. Dia: 29 de outubro.

"Características da usinagem de um compo-

sito de resina fenólica reforçada com fibras de vidro e carbono" (mestrado). Candidato: João Roberto Ferreira. Orientador: professor Nivaldo Lemos Cupini. Dia: 6 de novembro.

Engenharia Química

"Medidas de pressão total de misturas binárias de baixa volatilidade" (mestrado). Candidata: Vânia Maria Wendhausen. Orientador: professor Saul Gonçalves d'Ávila. Dia: 30 de setembro.

"Controle de reatores exotérmicos batelada" (mestrado). Candidato: João Carlos Leite Cesar Filho. Orientador: professor Mário de Jesus Mendes. Dia: 23 de outubro.

Física

"Caracterização de redes de difração holográficas" (mestrado). Candidato: Bernardo de Assunção Mello. Orientador: professor Jaime Frejlich. Dia: 8 de outubro.

"Desenvolvimento do processo de confecção de redes de difração holográficas" (mestrado). Candidato: Ivan Ferreira da Costa. Orientadora: professora Lucila Helena Deliesporte Cescato. Dia: 9 de outubro.

Geociências

"Trabalhadores, crise e novas tecnologias de automação na reestruturação produtiva: um balanço crítico" (mestrado). Candidato: José de Almeida de Souza Jr. Orientadora: professora Angela Tude de Souza. Dia: 9 de outubro.

"Capacitação tecnológica na indústria de química fina no Brasil: uma taxonomia das empresas nacionais" (mestrado). Candidato: Alexis Alberto Mercado Suarez. Orientador: professor André Tosi Furtado. Dia: 20 de outubro.

Humanas

"Estado e ambiente: novos dilemas e desafios (a política ambiental no Estado de São Paulo)" (doutorado). Candidata: Leila da Costa Ferreira. Orientador: professor Vilmar Evangelista Faria. Dia: 2 de outubro.

"Pautas para uma crítica da ciência realmente existente (o legado epistemológico de Karl Popper)" (doutorado). Candidato: Gustavo Andres Caponi. Orientador: professor Michael Beaumont Wrigley. Dia: 13 de outubro.

"Trajetórias da migração rural da Bahia" (doutorado). Candidato: Eduardo Paes Machado. Orientadora: professora Alba Maria Zaluar. Dia: 4 de novembro.

Linguagem

"Análise fonológica da língua Juruna" (mestrado). Candidata: Cristina Martins Fargetti. Orientadora: professora Lucy Seki. Dia: 13 de outubro.

"As bruxas de Macbeth no "original" e em quatro traduções brasileiras: a inquisição das diferenças" (mestrado). Candidata: Lenita Maria Rimolli Esteves. Orientadora: professora Rosemary Arrojo. Dia: 26 de outubro.

"Reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos. A prática discursiva da educação popular no meio rural" (mestrado). Candidata: Maria Onice Payer. Orientadora: professora Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi. Dia: 27 de outubro.

Matemática

"Espaços HE BMO não isotrópicos e operadores integrais singulares vetoriais" (doutorado). Candidato: Luiz Antonio Pereira Gomes. Orientador: professor Dicesar Lass Fernandez. Dia: 23 de outubro.

Medicina

"Associação entre uso de anticoncepcional combinado oral e prevalência de fatores que contribuem para o risco de complicação durante seu uso" (mestrado). Candidato: Carlos Alberto Petta. Orientador: professor Aníbal Eusebio Faúndes Lathan. Dia: 1 de outubro.

"Psicoterapias em serviços públicos ambulatoriais de saúde mental — uma revisão" (mestrado). Candidata: Lígia Haeitmann. Orientador: professor Egberto Ribeiro Turato. Dia: 14 de outubro.

"Aspectos epidemiológicos da pediculosis capitis. Estudo entre pré-escolares de Paulínia-SP" (doutorado). Candidato: Paulo Roberto de Madureira. Orientador: professor Luiz Jacintho da Silva. Dia: 28 de outubro.

Química

"Eletrocromismo em filmes finos de óxido-hidróxido de cobalto" (mestrado). Candidata: Carla Maria Nascimento Polo da Fonseca. Orientador: professor Marco Aurélio de Paoli. Dia: 2 de outubro.

EUROPA - EUA - TARIFAS ESPECIAIS

COMPRAS DE NATAL - FOZ DO IGUAÇU

26 a 29 de Novembro - Rodoviário Leito - Hotel 3 *

SERRAS GAUCHAS Aéreo - à partir de \$ 1.980.000,

PORTO SEGURO Aéreo - à partir de \$ 2.200.000,

CONSULTE - NOS !!!

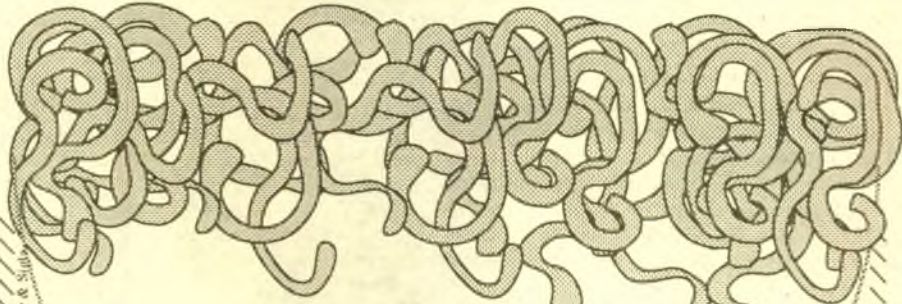
Preços poderão ser alterados conforme aumento Cias. Aéreas.



BALI TUR VIAGENS E TURISMO

R HORÁCIO LEONARDI, 92 - GALERIA NAHAS - LOJA 9 - BARÃO GERALDO

TELE-FAX (0192) 39-2248 - FONE: 39-1504 / 33-2988 / 33-9924 - CAMPINAS - S.P.



MASSAS

agnolotti - caneloni - fettuccini - lasanha - nhoque - rondeli - panquecas - tortas

NHOQUE - recheado c/ catupiry

CARNES/ FRANGO



SABORGEL

R. Presidente Prudente, 975 - Jd. Flamboyant - Campinas

FONES: (0192) 54-2986 e 54-3253

Unicamp faz 300º transplante de rim

HC firma-se como centro de excelência em transplante renal.

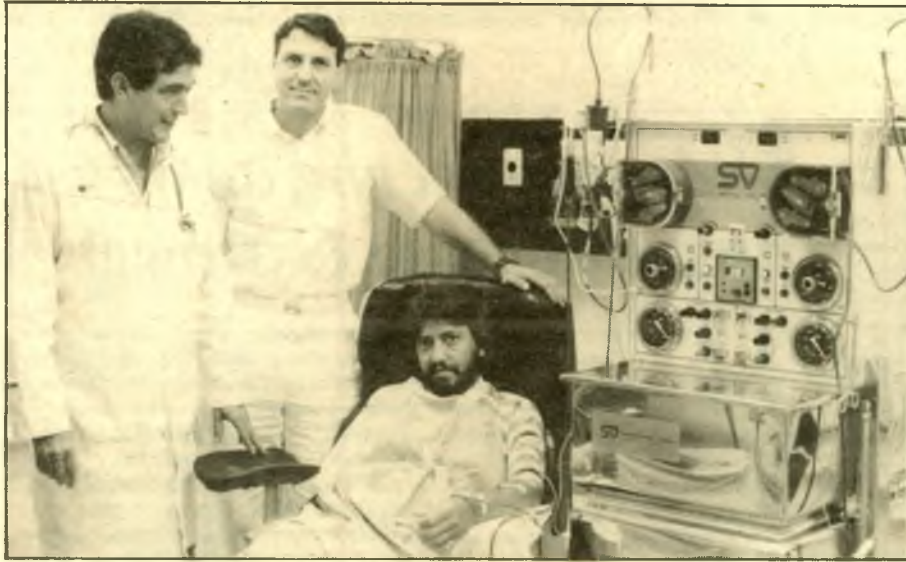
Após sete anos realizando transplantes de rim em portadores de doenças renais crônicas, os especialistas do Hospital de Clínicas da Unicamp têm hoje um motivo especial para comemorar: acaba de ser atingida a marca do 300º transplante. Com 46 anos, o transplantado recebeu o rim de um doador cadáver na noite do dia 15 de outubro último. "Seu quadro apresenta evolução satisfatória", avalia o urologista Ubirajara Ferreira, um dos médicos responsáveis pela operação.

Dados da literatura médica indicam que nos países desenvolvidos chegam anualmente aos hospitais cerca de 50 novos pacientes com insuficiência renal por milhão de habitante. A doença atinge qualquer faixa etária. A grande maioria, no entanto, faz parte do contingente classificado como economicamente ativo, ou seja, tem entre 20 e 30 anos. As doenças que causam a insuficiência renal, levando o indivíduo a precisar do transplante, são as nefrites, a hipertensão arterial, o diabetes Mellitus e pedras no rim, por exemplo.

O primeiro transplante renal no Brasil ocorreu em 1965. Na Unicamp, o mesmo tipo de cirurgia começou a ser realizado a partir de 1984, na Santa Casa de Misericórdia de Campinas, de forma modesta. "A frequência de transplantes era muito baixa devido a condições adversas, mas a partir da mudança do hospital para o campus o número de cirurgias acelerou muito", diz o urologista Nelson Rodrigues Netto Junior. Em 1991 conseguiu-se um dos índices mais altos do Brasil: 81 procedimentos num só ano.

Centro de Excelência — Fruto do esforço da equipe de especialistas, a unidade foi reconhecida em 1990 como centro de excelência em transplante renal. Um indicador do alto nível do trabalho realizado são os índices do próprio Ministério da Saúde. Ao distinguir em nível nacional os locais com melhores recursos e possibilidades para transplantes, considerando ainda para onde flui a maioria dos casos mais complicados, o ministério incluiu a Unicamp num seleto grupo do qual fazem parte somente oito centros médicos do país.

Integram o grupo a Escola Paulista de Medicina, a Unicamp, a Universidade de São Paulo (São Paulo e Ribeirão Preto), a Universidade Federal de Porto Alegre, a Universidade Fede-



Gentil e Ubirajara: marca histórica para a equipe da Unicamp.



O receptor: rim novo e vida normal.

Programa tem o seu decálogo de princípios

A realização de transplantes renais na Unicamp segue uma relação de dez princípios.

1 — São considerados potenciais doadores vivos apenas os pais, irmãos e irmãs (não férteis) e imunologicamente parcial ou totalmente idênticos.

2 — Todo paciente renal crônico tem o direito de se inscrever como potencial receptor de rim de cadáver, independentemente do diagnóstico da doença de base ou da idade.

3 — Todo paciente inscrito no programa de transplante renal com doador cadáver será informado, por ocasião da inscrição, dos critérios prioritários institucionais de escolha do potencial receptor.

4 — Os critérios prioritários institucionais de escolha do potencial receptor de rim de cadáver foram estabelecidos pela equipe médica, por um membro da comunidade, pelo capelão do hospital, e por um representante dos pacientes. Tais critérios foram aprovados pela comissão de ética. Foram excluídos critérios políticos, religiosos e financeiros.

5 — Nenhum membro da equipe transplantadora terá contato com a família do doador cadáver.

6 — Exige-se respeito aos princípios de não comercialização e proibição de qualquer tipo de pagamento ou benefício por parte do receptor.

7 — Recomenda-se anonimato, tanto do doador como do receptor de rim de cadáver.

8 — Luta pela melhoria das condições de atendimento médico e pela justa remuneração dos profissionais envolvidos.

9 — Desmitificação do procedimento e repulsa ao prestígio e à propaganda pessoal.

10 — Absoluto respeito às normas legais estabelecidas. Aprovada recentemente, a lei dispõe sobre a retirada e transplante de tecidos, órgãos e partes do corpo humano, com fins terapêuticos e científicos. Mediante autorização da família, a retirada deve ser precedida de prova incontestável de morte encefálica, cuja prova de morte deverá ser atestada por dois médicos não integrantes da equipe de retirada e de transplante. (C.P.)

ral de Minas Gerais, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Paraná. São instituições que possuem unidades de transplante com maior representatividade, decorrente de seus atributos científicos, por possuírem laboratórios de primeira qualidade e porque realizam o mínimo de 25 transplantes por ano.

O drama da espera — O professor Gentil Alves Filho, nefrologista da equipe de transplante, revela parte da difícil trajetória dos doentes renais crônicos que chegam ao hospital. Ape-

nas uma minoria tem doador garantido, o que significa que a quase totalidade enfrenta a lista de espera — que no HC beira os 2.000 para rim de cadáver — e passa por uma série de exames. Quando surge a oportunidade para o transplante, o portador de doença renal crônica inscrito no programa tem que seguir as normas da instituição quanto à triagem: há prioridade para aqueles com mais tempo de diálise, aos mais jovens e mais compatíveis com o perfil dos doadores.

Para cada cadáver são selecionados em média 10 pacientes, mas somente dois são opera-

dos. Passadas cerca de três semanas de internação pós-cirúrgica, o paciente recebe alta médica e parte para uma vida normal. No entanto, até que isso seja possível os doentes renais crônicos permanecem em tratamento de hemodiálise — a cada dois dias, durante quatro horas por sessão, permanecem ao lado da máquina que substitui o trabalho do rim, na purificação do sangue. "A hemodiálise é muito desgastante. O transplante é a melhor forma de tratamento, pois além de mais econômico possibilita a total reintegração social do doente", diz Gentil. (C.P.)

Urologistas editam revista em vídeo

Filme substitui revista impressa na difusão de novas técnicas.

Os avanços da área da urologia, compreendendo as mais recentes técnicas cirúrgicas, da uropediatria à uroginecologia, bem como os temas que tratam de pesquisas com desdobramentos cirúrgicos, são agora apresentados periodicamente aos médicos através de um dos mais recentes métodos de ensino e transmissão de conhecimentos científicos — o vídeo. Editado por três especialistas da Unicamp — Nelson Rodrigues Netto Junior, Paulo Augusto Neves e Paulo Cesar Rodrigues Palma —, o *Jornal Brasileiro de VideoUrologia* é produzido em português pelo Centro de Comunicações da Universidade. Lançado no último dia 14, na Superintendência do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, é tido como a primeira "revista" do gênero na América Latina.

Ao contrário de outras iniciativas semelhantes, que em geral permanecem nos arquivos ou videotecas de centros de pesquisa universitários, o *Jornal Brasileiro de VideoUrologia* tem circulação inclusive no exterior e é vendido por sistema de assinaturas — ao preço de US\$ 40 — junto à Sociedade Brasileira de Urologia, Seção São Paulo. O urologista Paulo Palma explica que o vídeo traz informações de ponta adequadas à realidade brasileira, ou seja, demonstra em detalhes apenas o que pode ser aplicado no país. Outra vantagem é que oferece aos médicos a opção de se atualizarem sem requerer sua participação constante em eventos ou cursos de especialização.



Palma: difusão do conhecimento.

Prêmio internacional — Com periodicidade trimestral, apresenta trabalhos realizados por especialistas do país, do exterior e da Unicamp, inclusive os premiados em congressos — por exemplo, sobre ressonância magnética nas injeções periuretrais, técnica cirúrgica desenvolvida na Disciplina de Urologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e que foi premiada com o primeiro lugar no Congresso internacional de vídeo-urologia ocorrido em Monte Carlo (Mônaco), em outubro deste ano. Palma destaca ainda que "do ponto de vista

da Universidade o vídeo jornal torna-se importante porque a instituição cumpre o seu papel social na medida em que ultrapassa os limites geográficos, transmitindo conhecimentos". Para a Sociedade Brasileira de Urologia, que apóia o empreendimento, o valor maior é possibilitar a reciclagem e atualização dos médicos. E, no que se refere ao país, o reflexo também é positivo, pois já foram efetuadas assinaturas por especialistas de Portugal, Argentina e Chile. Futuramente, médicos dos Países Africanos de Língua Oficial Português (Palop) — Angola, Guiné, Guiné Bissau, Macau, Cabo Verde e Moçambique — também terão acesso ao periódico através do apoio que vem sendo oferecido pela Associação Portuguesa de Urologia.

Precisão de detalhes — O uso da informação visual através de vídeo tem sido considerado importante meio de oferecer aos especialistas, com precisão, detalhes das cirurgias. "O trabalho artesanal é exibido de forma rica e em curto período de tempo: uma cirurgia de seis horas, filmada e editada, é apresentada em 10 minutos, pois são selecionados pelos urologistas editores apenas os trechos de real importância cirúrgica", diz Palma.

A repercussão do *Jornal Brasileiro de VideoUrologia* foi favorável a ponto de conter, no primeiro volume, a contribuição estrangeira dos holandeses J. D. M. de Vries e Frans Debruyne, através da técnica cirúrgica denominada ressecção anterógrada da válvula da uretra posterior. O segundo volume, que já vinha sendo editado antes mesmo do lançamento do primeiro, contará com três contribuições estrangeiras: do argentino Pedro Minuzzi (litotripsia extracorpórea), do italiano Franco di Silverio (varicoceleotomia laparoscópica) e dos espanhóis Ramos e Leiva (auto-ampliação vesical).

Estudo tridimensional — Além das contribuições internacionais, o primeiro volume do jornal de urologia inclui o estudo tridimensional da anatomia intra-renal (os sistemas coletor, arterial e venoso do rim), trabalho inédito na literatura mundial. De autoria do urologista e anatomista Francisco Sampaio, professor de anatomia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o estudo visa a transmitir as bases para a cirurgia conservadora em casos de câncer de rim, com possibilidade de retirada total do tumor e máxima preservação de tecido sadio, como explica Sampaio.

"A cirurgia conservadora do rim é feita em portadores de pequenos tumores, em pacientes com tumor em rim único ou ainda quando o indivíduo tem o rim contra-lateral doente", relata o pesquisador. Dos vários tipos de câncer urológico, o de rim é o terceiro mais comum e a importância do trabalho de Sampaio vem de encontro ao fato de que o único tratamento eficaz de câncer de rim é a cirurgia e, utilizando os moldes tridimensionais, os especialistas têm melhor visualização do resultado da cirurgia.

O trabalho básico serve como modelo de estudo de casos e para a sua confecção foram utilizados rins de cadáveres humanos. "Os moldes, como esses usados no vídeo, são obtidos através da injeção de resina de poliéster de cores diferentes, em cavidades intra-renais (vasos e sistema coletor). Após o endurecimento da resina, é feita a corrosão da matéria orgânica em ácido, restando o modelo tridimensional", relata o pesquisador. Publicado na revista de urologia considerada mais importante da literatura mundial, a norte-americana *Journal of Urology*, com o artigo "Bases anatômicas para cirurgia conservadora de câncer de rim", o trabalho de Sampaio mereceu comentários de dois especialistas, o que representa o reconhecimento internacional à sua pesquisa. (C.P.)